

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HUMANIDADES, DIREITOS E OUTRAS
LEGITIMIDADES

FELIPE DE ALMEIDA KUROSAKI GEMELGO

**Entre boates e privês: histórias e projetos de vida de mulheres
na prostituição em Guaianases, periferia de São Paulo**

Versão corrigida

São Paulo

2021

FELIPE DE ALMEIDA KUROSAKI GEMELGO

**Entre boates e privês: histórias e projetos de vida de mulheres
na prostituição em Guaianases, periferia de São Paulo**

Versão corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Humanidades, Direitos e outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Carvalho de Almeida.

Coorientadora: Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento.

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G322e Gemelgo, Felipe de Almeida Kurosaki
 Entre boates e privês: histórias e projetos de
vida de mulheres na prostituição em Guaianases,
periferia de São Paulo / Felipe de Almeida Kurosaki
Gemelgo; orientadora Marta Carvalho de Almeida -
São Paulo, 2021.
 111 f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação
Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da
Universidade de São Paulo. Área de concentração:
Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

1. antropologia urbana. 2. histórias de vida. 3.
mercados sexuais. 4. projetos de vida. 5.
prostituição. I. Almeida , Marta Carvalho de,
orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Felipe de Almeida Kurosaki Gemelgo

Data da defesa: 22/02/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Marta Carvalho de Almeida

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/04/2021



(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: FELIPE DE ALMEIDA KUROSAKI GEMELGO

Título: **Entre boates e privês: histórias e projetos de vida de mulheres na prostituição em Guaianases, periferia de São Paulo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Humanidades, Direitos e outras Legitimidades da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Avaliado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.: Francione Oliveira Carvalho
Instituição: Universidade Federal de Juiz de Fora
Julgamento: _____

Prof. Dr.: José Miguel Nieto Olivar
Instituição: Universidade de São Paulo
Julgamento: _____

Profa. Dra.: Mónica Lourdes Franch Gutierrez
Instituição: Universidade Federal da Paraíba
Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Às minhas avós, Lucinda e Rosemeire. À Lucinda, por ter despertado em mim inquietantes perguntas sobre a experiência humana. À Rosemeire, por ter fomentado em mim o interesse pelos estudos. A ambas, por terem me dado amor.

À minha tia Cibele, por ter me permitido frequentar uma boa escola durante o ensino médio. E aos meus tios Juliano e Silvia, por terem me acolhido em sua casa durante uma parte desse mesmo período.

À minha tia Solange, por me inspirar a ser terapeuta ocupacional.

Ao meu avô Minoru, pelos apoios cotidianos, como caronas e dinheiro para alimentação, essenciais durante minha trajetória pré-vestibular.

Às docentes, terapeutas ocupacionais e amigas da USP, por me ajudarem a ampliar diversos horizontes.

À minha querida mãe, pelas lutas compartilhadas e pelos incontáveis bolos de chocolate nos momentos de angústia, em especial durante a graduação.

Ao meu querido pai e querida madrastra, por todos os incentivos e pelo impulso final para que eu conseguisse me graduar.

À Ana Paula, ao Mint e à Mirella, pela preciosa amizade, pelas trocas e por sempre acreditarem em mim.

À Lívia Akissue e ao Mateus, por me ajudarem, muito afetosamente, na constante jornada que é o autoconhecimento.

À Stephanie e à Maitte, pela construção de um lar fora da família.

À equipe do CAPS Adulto de Guaianases, por apoiarem a minha decisão de cursar o mestrado. Particularmente, à Lívia Helena e à Claudia, por todo o carinho.

A todas as pessoas envolvidas na construção, manutenção e defesa da educação pública, gratuita e de qualidade. E às pessoas responsáveis pela construção deste programa de pós-graduação.

Ao Diego, pela disponibilidade, leveza, e fundamental ajuda durante o trabalho de/em campo.

Ao professor José Miguel, pela cuidadosa e rica participação em minha banca de qualificação e por estar presente, também, na defesa da dissertação.

Ao professor Francione e à professora Mônica, pelas valiosas reflexões sobre o estudo e por marcarem essa etapa da minha vida.

À professora Silvana, pela generosidade em aceitar me coorientar e pelas importantes contribuições ao trabalho.

Às mulheres que conheci e com quem aprendi nesta pesquisa, em especial Sol, Nicole e Rafaela.

Ao Kaique, pelo companheirismo, amor e pelas delícias na reta final desse processo.

À equipe do CAPS Adulto Cidade Ademar, por dividirem o cotidiano comigo no ano de pandemia e escrita da dissertação. Em especial, à Lívia Toledo, Andressa, Larissa e Andrea, pelos bons encontros.

A todas as pessoas que não foram citadas, mas que têm importância em minha vida.

E, por fim, à professora Marta. Por me ensinar tanto e pela relação construída desde 2010. Por ser acolhedora, atenta e incentivadora. Por me permitir caminhar na construção de um dos meus projetos de vida, que é me tornar professor.

Meu muito obrigado!

RESUMO

A prostituição é prática social complexa, demarcada por uma ampla diversidade de relações, além das trocas sexuais e econômicas. Recebe interpretações variadas, tanto na esfera acadêmica como nas esferas política e cultural, nas quais polaridades como autonomia/heteronomia, afetos/violências, resistência/opressão e escolha/imposição tomam seus lugares em um extenso campo de debates. O presente estudo teve por objetivo conhecer a trajetória de mulheres que trabalham no mercado do sexo na periferia da cidade de São Paulo, buscando articular suas vivências à discussão sobre “projetos de vida”. Foi desenvolvido a partir da combinação entre duas abordagens teórico-metodológicas: a etnografia e a história oral de vida. Resultou em uma descrição do circuito de boates e privês do bairro de Guaianases, zona leste da capital, como também no registro das histórias de vida de três mulheres, prostitutas, que trabalham nesses locais. A análise das narrativas nos permitiu compreender que, em um campo múltiplo e dinâmico de possibilidades e restrições, a prostituição ocupa diferentes lugares e sentidos na vida dessas mulheres, nas conexões que estabelecem entre passado, presente e futuro. Diante de suas experiências, papéis sociais e dilemas, nota-se que sujeição e autodeterminação descolam-se de posições absolutas e fixas e se revelam entrelaçadas na complexidade dos processos coletivos de construção da vida cotidiana.

Palavras-chave: antropologia urbana; histórias de vida; mercados sexuais; projetos de vida; prostituição.

ABSTRACT

Prostitution is a complex social practice, defined by a wide variety of relationships beyond sexual and economic exchanges. It is interpreted in many ways, both in the academic sphere and in the political and cultural spheres, in which polarities such as autonomy/heteronomy, affections/violence, resistance/oppression and choice/imposition take their places in an extensive field of debates. The present study aimed to know the life trajectory of women who work in the sex market on the outskirts of the city of São Paulo, seeking to articulate their experiences to the discussion about "life projects". It was developed from the combination of two theoretical-methodological approaches: ethnography and oral life history. It resulted in a description of the circuit of houses of prostitution in Guaianases, east of the capital, as well as in the recording of the life stories of three women, prostitutes, who work in these places. The analysis of their narratives allowed us to understand that, in a multiple and dynamic field of possibilities and restrictions, prostitution occupies different places and meanings in their lives, in the connections they establish between past, present and future. In view of their experiences, social roles and dilemmas, it can be seen that subjection and self-determination do not occupy absolute and fixed positions and instead of it, are revealed intertwined in the complexity of collective processes of construction of daily life.

Key-words: urban anthropology; life stories; sex markets; life projects; prostitution.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| APRESENTAÇÃO: Do convite à “casa das primas” à chegada ao objeto de pesquisa: notas sobre um percurso pessoal | 10 |
| 1. TODAS IGUAIS? NARRATIVAS SOBRE A PROSTITUIÇÃO E AS MULHERES PROSTITUTAS | 15 |
| 2. PELO CAMINHO | 29 |
| 3. PAISAGENS EM GUAIANASES | 34 |
| 3.1 Breve histórico e algumas características do território | 35 |
| 3.2 Um olhar de perto e de dentro: o mercado do sexo em Guaianases | 40 |
| A Casa das Damas | 43 |
| O Casarão das Moças | 48 |
| O Popular de Guaianases | 51 |
| 4. ENTRE BOATES E PRIVÊS: TRÊS HISTÓRIAS DE VIDA | 53 |
| 4.1 A história de Sol | 54 |
| A prostituição como recurso e/ou projeto | 57 |
| As estruturas familiares e seus ciclos como unidades encompassadoras | 61 |
| 4.2 A história de Nicole | 68 |
| O melhor de dois mundos: casamento e prostituição | 70 |
| As possibilidades e os movimentos de (re)construir e prover | 75 |
| 4.3 A história de Rafaela | 79 |
| Vínculos rompidos, repetições e recomeços: ser filha, ser mãe... | 81 |
| Os planos de deixar a prostituição | 87 |

| | |
|---|-----|
| 5. FORÇAS SOCIAIS, AÇÕES POSSÍVEIS E A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA VIDA COTIDIANA | 92 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 106 |

APRESENTAÇÃO

Do convite à “casa das primas” à chegada ao objeto de pesquisa: notas sobre um percurso pessoal

Lembro-me de quando, no início da minha adolescência, familiares do gênero masculino colocaram nos diálogos sobre a descoberta da sexualidade a possibilidade de se ter relações sexuais comercializadas (com mulheres). Que fato curioso! Além da novidade em si, chamava-me a atenção as opiniões muito ambivalentes que esses homens expressavam sobre as trabalhadoras sexuais e a prática social da prostituição. Por um lado, pareciam valorizar o trabalho sexual e diziam que caso eu aceitasse o convite para visitar a *casa das primas* (casa de prostituição), ficariam felizes em realizar o pagamento do meu primeiro programa. Argumentavam que todo homem deveria conhecer os encantos de uma *mulher da vida*, sugerindo que essas eram mais livres do que as outras mulheres em relação ao próprio corpo e sexualidade.

Ao mesmo tempo, eu escutava a esses mesmos homens contando situações em que assumiram posturas violentas e depreciativas no contato com prostitutas, posturas essas que, segundo eles, só poderiam ser direcionadas a esse *tipo* de mulher. Diziam, porém, que aquilo não era desrespeito, afinal, estávamos falando de *putas*! Foi nesse contexto em que percebi, de forma introdutória, questões sobre o tratamento social direcionado às trabalhadoras sexuais e alguns percalços em suas vivências chamadas popularmente de *vida fácil*.

Anos mais tarde, já no final da minha adolescência, um novo acontecimento me permitiu reviver questionamentos sobre o trabalho sexual e a produção de novas reflexões: minha avó, considerada a matriarca da família, revelou que tinha um passado próprio na prostituição. Que grande choque... Foi chocante perceber, mais uma vez, posicionamentos tão contraditórios sobre esse tema dentro de um mesmo núcleo familiar. Enquanto havia uma maioria que se envergonhava com

a circulação daquela história, a protagonista dos relatos parecia ter a necessidade de recontar sua experiência, assumindo seu caráter complexo e positivamente estruturante em sua biografia.

Minha avó dizia que aquela fase de sua vida não poderia ser reduzida a violências ou constrangimentos, “como todos pensavam”. Segundo ela, havia sido um período também marcado por afetos e possibilidades de conquistas pessoais no âmbito material. Essa situação me fez vislumbrar aspectos que mais tarde encontraria melhor desenvolvidos em trabalhos acadêmicos, sobre a multiplicidade de significados que a prostituição pode assumir nas trajetórias de vida, podendo refletir, inclusive, experiências vitais de autodeterminação.

Algum tempo depois, iniciei minha formação acadêmica em terapia ocupacional, que é uma profissão dedicada aos estudos, à criação e à aplicação de estratégias para apoiar a vida participativa de pessoas e grupos que enfrentam processos sociais excludentes e, de modo associado a isso, encontram dificuldades importantes na realização cotidiana de atividades que podem ser significativas e compor os seus propósitos. Exemplos desses segmentos sociais são as pessoas com deficiências, com transtornos psíquicos, adolescentes acusados de cometer atos infracionais, grupos ou comunidades em situação de grande vulnerabilidade e risco social ou que vivenciam discriminações e violências.

Durante minha formação profissional, aprendi a reconhecer e a abordar sofrimentos que certamente não se justificam por condições funcionais limitadas, como o modelo biomédico conceituou, mas na construção social que define lugares e experiências restritas para essas pessoas. Essa formação foi me apresentando o raciocínio de que era preciso ouvi-las para poder compreender não somente os seus sofrimentos e limitações (embora esses sejam importantes), mas também os seus desejos e potencialidades de encontrar saídas para as suas dificuldades e para a realização de suas aspirações. Para isso,

sempre levando em conta que a construção da vida cotidiana envolve processos pessoais e coletivos.

Após me graduar, fui trabalhar em um serviço de atenção em saúde mental, um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), localizado em Guaianases, região periférica da cidade de São Paulo. Esse serviço tem como diretriz o atendimento a pessoas com transtorno mental, preservando seus direitos e sua convivência na comunidade. Parte do trabalho consiste em atender a pessoas do território que estejam se percebendo em algum processo de sofrimento psíquico. Essas pessoas podem procurar espontaneamente por uma escuta no serviço de saúde e foi por essa via que eu tive contato com algumas mulheres que eram trabalhadoras sexuais naquela região.

As mulheres que conheci procuraram o serviço de saúde mental fazendo um pedido por acompanhamento psiquiátrico, pois estavam se sentindo mentalmente adoecidas. Suas queixas, em geral, eram focadas em sintomas como insônia e tristeza, mas com uma escuta mais atenta ficava evidente que os seus problemas não eram tão pontuais assim. Elas conectavam de alguma forma suas experiências na prostituição com problemas cotidianos ou sofrimentos vinculados às suas relações sociais. Falavam, por exemplo, sobre relacionamentos conflituos no trabalho, na família, sobre dificuldades financeiras, além de sentimentos de desvalorização social e baixa autoestima.

Em contrapartida, novamente a ambiguidade! A prostituição era colocada em seus discursos como aquilo que lhes permitia ter uma fonte de renda, ser relativamente independente de familiares, ampliar seu acesso a bens e serviços, circular em diferentes espaços. Em outras palavras, o que eu escutava era que a prostituição viabilizava o exercício de certa autonomia. Enquanto profissional, passei a me perguntar como se davam os seus processos de escolhas no dia-a-dia, negociação com outros atores sociais, ações no manejo das problemáticas que

vivenciavam e como entendiam suas experiências considerando a passagem do tempo e as ligações entre passado, presente e futuro.

É importante dizer que no campo profissional no qual eu me situo esses questionamentos têm se associado à ideia de que a gente possa apoiar diferentes pessoas e grupos, com trajetórias de sofrimentos determinados ou influenciados pela invalidação social, a construírem ou reconstruírem “projetos de vida”. Contudo, embora a noção “projetos de vida” esteja difundida em vários campos profissionais, e seja muitas vezes utilizada como se houvesse uma significação pressuposta, não é uma noção acabada ou consensual. Existem muitas perguntas em torno da sua definição, entre elas: Do que seriam compostos esses projetos? Qual racionalidade acompanha sua concepção? Os projetos de vida seriam bem representados por caminhos lineares de reflexões, intencionalidades e etapas em busca de uma direção para a vida? Ou seriam revelados na validação de identidades e suas expressões em ações cotidianas? Qual a dimensão temporal daquilo que cabe ser chamado de projeto de vida? Dizem respeito apenas ao futuro distante?

Essas perguntas, embora não estejam respondidas em meu estudo, me provocaram a iniciá-lo e atravessaram meu horizonte de reflexões ao longo de todo o percurso de investigação. E diante do que foi se apresentando em campo, busquei construir um caminho de argumentação que considerasse como reflexo dos projetos de vida um jogo permanente entre forças sociais e ações individuais, memórias e expectativas, desejos e possibilidades.

No contato com as mulheres que entrevistei, por vezes ouvi narrativas sobre seus movimentos criativos, escolhas e potencialidades. Em outros momentos, escutei as passagens entristecidas, que mostram como as opressões constroem e empurram a vida para o indesejado, sem que algum plano ou projeto pareça capaz de interceder a favor de uma mudança de rumo. Em suma, pela generosidade dessas mulheres, foi possível que eu também buscasse traduzir a experiência de pesquisa

em algumas pistas para uma reflexão crítica sobre a noção projetos de vida e, assim, sobre minha própria prática profissional. É o que espero ter conseguido mostrar nesta dissertação.

1. TODAS IGUAIS? NARRATIVAS SOBRE A PROSTITUIÇÃO E AS MULHERES PROSTITUTAS

Entrar no campo dos saberes e debates sobre a prostituição é um desafio que requer, logo de início, o reconhecimento da diversidade de perspectivas que o compõe. E, desde muito cedo, notar que leituras e narrativas sobre a prostituição, não apenas no senso comum, são atravessadas por estereótipos, preconceitos e mitologias que parecem deter uma enorme capacidade de se reapresentar sob novas roupagens ao longo do tempo (OLIVAR, 2013; PISCITELLI, 2005; ROBERTS, 1998). No meu caso, o caminho percorrido neste estudo representa os passos iniciais desse empreendimento, no campo da prostituição feminina.

No cenário brasileiro, estudos que produziram diversificadas abordagens sobre a prostituição tornaram-se mais presentes e ganharam repercussão a partir dos anos 1980. Daquela década podem ser ressaltados estudos pioneiros desenvolvidos por Bacelar (1982), Gaspar (1984) e Perlongher (1987), que trataram, respectivamente, de famílias de mulheres prostitutas, da construção da identidade social de mulheres prostitutas e do cotidiano da prostituição masculina. Essas produções, que já abordam a prostituição enquanto trabalho, se constituíram em importantes fontes para a construção de um campo de investigações interessado em encontrar aquilo que Rago (1990) nomeou, alguns anos depois, como singularidades e positivities da prostituição. Esse cenário acadêmico esteve associado a pautas levantadas por organizações de prostitutas que se mobilizaram em torno dos seus direitos desde a mesma década no país (OLIVAR, 2014).

No decorrer da década seguinte, anos 1990, outras produções acadêmicas sobre prostituição tiveram grande visibilidade, em especial a tese defendida por Rago (1990) e o estudo de Fonseca (1996). O primeiro trabalho debateu sobre a prostituição e os códigos de sexualidade feminina em São Paulo no período entre 1890 e 1930, enfrentando no

campo empírico o que a autora chamou de “fantasmas da prostituição”¹. O segundo expôs reflexões sobre as esferas extraprofissionais da vida de mulheres prostitutas, assinalando a complexidade de suas existências e trajetórias. Desse modo, enfrentou a opacidade dessas dimensões nas pesquisas que até então tomavam a prostituição como objeto natural e trans-histórico e as prostitutas como “todas iguais” (FONSECA, 1996, p. 9).

Os estudos de Margareth Rago e Claudia Fonseca, bem como os de Adriana Piscitelli, iniciados alguns anos depois, têm sido considerados imprescindíveis para a constituição de perspectivas metodológicas, políticas e analíticas sobre a prostituição no Brasil. Mais precisamente, permitiram consolidar gerações posteriores de pesquisadores engajados com os direitos das prostitutas, simultaneamente com a qualidade da produção acadêmica (OLIVAR, 2014). Podem ser mencionados, ainda, como produção dos anos 1990, os trabalhos de Gomes et al. (1999), Mazzeiro (1998), Pires e Miranda (1998), Ribeiro (1997), Sousa (1998) e Torres et al. (1999), que trataram da prostituição e dos mercados do sexo sob diferentes ângulos².

A partir da década de 2000 houve um aumento expressivo de estudos sobre prostituição ou, conforme Piscitelli (2005, 2014), sobre intercâmbios sexuais e econômicos no Brasil, em particular na esfera da produção antropológica³. A maior parte dos estudos tem buscado revelar

¹ Como mostrou Rago (1990), esses fantasmas estão associados às compreensões moralistas ligadas ao conceito de prostituição elaborado no século XIX, a partir de referências médico-policiais e que sustentam uma visão acadêmica da prostituição como ameaça imaginária no campo da moral e como ameaça sanitária no campo da saúde pública.

² Os temas centrais nesses estudos, na devida ordem, foram: prostituição de crianças e adolescentes sob a ótica da saúde coletiva; histórico e formas de criminalização da prostituição; relações entre prostituição, uso de drogas e infecção por HIV/AIDS e sífilis; territórios de prostituição e turismo; os clientes da prostituição; e motivações à prostituição.

³ Em linhas gerais, “intercâmbios sexuais e econômicos” têm sido uma denominação adotada para expressar a diversidade de demandas e ofertas

a multiplicidade de dinâmicas sociais envolvidas nesses intercâmbios, além de criar compreensões sobre o lugar que elementos como sexualidade, afeto, prazer, dinheiro, parentesco e mobilidade ocupam nos trânsitos da prostituição. Ademais, em especial na abordagem da prostituição feminina, muitos estudos têm colocado em foco perguntas e reflexões sobre a capacidade de agência das mulheres (PISCITELLI, 2005, 2014).

Marcam o panorama da produção acadêmica brasileira as formas de prostituição de rua, principalmente de mulheres, localizadas em cidades do sul e sudeste do país. Os estudos, em sua maioria, consideram a prostituição como trabalho e se preocupam em entendê-la levando em conta suas condições, estilos, normas e regulações internas (OLIVAR, 2014). Contudo, é importante dizer que a compreensão da prostituição enquanto trabalho suscita muitas tensões, não apenas na academia, mas também nos âmbitos cultural e político.

Da perspectiva do status legal, desde 2002 o trabalho sexual consta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), ou seja, é reconhecido como atividade profissional em nosso país. Esse marco é fruto da luta de movimentos sociais de prostitutas, assumindo destaque a Rede Brasileira de Prostitutas (RBP) (ABIA, 2013). Entretanto, a regulamentação da prostituição no âmbito legislativo permanece barrada pelo Congresso Nacional, contradição essa que, segundo Olivar (2013), Rodrigues (2009) e Vieira e Freitas Júnior (2015), reflete a atuação de forças conservadoras na política brasileira.

Na esfera do direito penal, há outro ponto de conflito entre o Estado, a prostituição e as mulheres prostitutas. Trata-se do fato de que a prostituição em si não é considerada crime no Brasil, todavia o seu entorno é criminalizado, ou seja: práticas consideradas formas de

existentes no mercado do sexo e as possíveis interações entre seus agentes, indo além das concepções habituais, e por vezes restritas, sobre prostituição e programas (PISCITELLI, 2005, 2014).

facilitação a esse trabalho, como a manutenção de casas de prostituição, configuram crimes segundo nosso Código Penal (RODRIGUES, 2009; ABIA, 2013; VIEIRA e FREITAS JUNIOR, 2015). Tendo em vista que condições políticas e legais nas quais acontecem um trabalho marcam profundamente as experiências subjetivas e organizacionais, essas condições têm sido componentes importantes do esforço de compreender as dinâmicas da prostituição feminina, como apontou Olivar (2014).

Entre as forças sociais que criam e influenciam perspectivas sobre a prostituição e a pauta da sua regulamentação no campo trabalhista, formalizada na esfera legislativa desde 2003⁴, destacam-se os movimentos feministas. E, conforme estudo feito por Piscitelli (2012), entre as vertentes desses movimentos vem ganhando maior visibilidade o ativismo conhecido como abolicionista, que é contrário a validar a prostituição como trabalho. Esse ativismo advoga o fim da prostituição, baseando-se no entendimento de que nela as mulheres são inevitavelmente objetificadas, ou seja, desumanizadas. Assim, considerando o conjunto de desigualdades sociais entre os gêneros, compreende o trabalho sexual feminino “como a forma mais intensa de vitimização da mulher e a pior forma de opressão patriarcal”, segundo Sousa (2016, p. 4).

Na perspectiva abolicionista, a prostituição estaria essencialmente relacionada a situações de violência e seria, portanto, contrária à dignidade humana. Entende-se que não seria possível consentir com a prostituição, já que mulheres que realizam o trabalho sexual estariam vivendo sob um sistema de escravidão que não escolheram e do qual precisariam ser libertas (ideia que reflete as raízes do termo abolicionismo). Sob esse prisma, caberia ao Estado a criação de medidas para o “resgate” das trabalhadoras sexuais a uma “vida digna”, além da

⁴ Essa pauta foi primeiramente abrangida no projeto de lei n. 98/2003, de Fernando Gabeira, e posteriormente no projeto de lei n. 4.211/2012, de Jean Wyllys.

garantia de “melhores opções” de vida a todas as mulheres. Existem, também, propostas no sentido da criminalização dos clientes da prostituição, como discutem Piscitelli (2012) e Sousa (2016).

A vertente abolicionista tem se estabelecido a partir da criação de correlações entre o trabalho sexual e temáticas ou fenômenos como: prostituição infanto-juvenil, turismo sexual e tráfico de pessoas para fins sexuais. Essas associações, porém, se dão em um extenso e controverso campo de debates. Por um lado, parte da literatura problematiza a construção social das noções "turismo sexual" e "tráfico de pessoas para fins sexuais", como observado nos trabalhos de Pasini (2005), Piscitelli (2008) e Silva et al. (2005), quando apontam e reagem às políticas restritivas dirigidas ao sexo comercial e à mobilidade de pessoas envolvidas em trocas sexuais e econômicas. Além disso, os movimentos sociais que lutam pela regulamentação da prostituição argumentam que há um equívoco em admitir vinculações entre prostituição, violências e explorações, de forma imediata ou totalizante⁵.

No polo oposto ao abolicionismo está a perspectiva regulamentadora, que defende a legalidade da prostituição enquanto trabalho e direito sexual (ABIA, 2013). Nas arenas de debates e lutas políticas sobre o tema, disputam espaço, juntamente com as feministas, movimentos de militância organizados por trabalhadoras e ex-trabalhadoras sexuais. Entre esses movimentos também há diferentes linhas de pensamento sobre a prostituição, suas possíveis conexões com o universo das violências e os aspectos que envolvem elementos jurídicos e normativos. Mas em se tratando de força representativa, a maior parte

⁵ O estudo realizado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA, 2013), por exemplo, ressalta que são mundiais as discussões concentradas na diferenciação da prostituição enquanto atividade profissional, protagonizada por pessoas adultas, e formas de exploração sexual. Leva-se em conta, fundamentalmente, a questão do consentimento *versus* coerção e/ou situações determinadas por fraude, sobre as modalidades e condições dos serviços a serem prestados. Existem, entretanto, muitas dificuldades ou discordâncias em se precisar as nuances das práticas observadas e tipificá-las.

do ativismo de mulheres prostitutas se posiciona em favor da regulamentação do trabalho sexual, conforme Piscitelli (2012) e a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA, 2013).

Para a vertente regulamentadora, a histórica marginalização política da prostituição no Brasil é sustentada por, e continua a sustentar, ideologias que estigmatizam as mulheres prostitutas e desqualificam suas demandas. Ademais, a desproteção legal é elencada como fator que favorece situações de violência, inclusive do Estado, contra as prostitutas, como é o caso da repressão policial (RAGO, 1990; DAVIDA, 2009; OLIVAR, 2013). De acordo com Olivar (2013), em nosso cenário:

Não se opta pela abolição/aniquilação, reprimi-se, de fato; mas também não se acolhe um estatuto de legalização aberta. A regulamentação sanitária/moral como lei oficial não é mais aceitável, mas uma regulamentação laboral é barrada e bloqueada. No meio, ficam a não criminalização, a estimulação da "saída" e a tolerância silenciosa e sociologicamente compreensiva "dessas mulheres" (porque, da prostituição masculina, nem se fala). Ao final, resta o silêncio, o perigoso *off*, que suspende a plenitude do sujeito de direitos (OLIVAR, 2013, p. 255).

Segundo Olivar (2013), a prostituição está situada em uma "zona de tolerância" política e simbólica e a luta das mulheres prostitutas e de pessoas engajadas com seus direitos busca justamente retirá-la dessa condição e inseri-la no universo das legitimidades (OLIVAR, 2013, p. 288). Isso serviria, entre outros aspectos, para criar condições ao enfrentamento das violências em contextos de prostituição. Entende-se que a partir do momento em que a prostituição e seus problemas forem tratados pela via da legalidade, dos direitos, será possível encontrar novos caminhos para a garantia do exercício livre e seguro da profissão. Nas palavras de Rodrigues (2009), trata-se de "colocar a discussão da prostituição no campo da cidadania" (RODRIGUES, 2009, p. 70) e não no âmbito criminal.

Nessa perspectiva, a negação ou a proibição do trabalho sexual representam formas não-democráticas de responder às violências que nele se manifestam. Em complemento a essa compreensão, o estudo realizado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA, 2013) considerou que enquanto o Estado brasileiro lidar com as questões que envolvem a prostituição por meio de medidas pontuais e desarticuladas, de caráter essencialmente policial, judicial e/ou sanitário, continuará se omitindo da sua responsabilidade frente a um grupo de cidadãs.

Trazendo densidade a essa discussão, sobre a prostituição enquanto trabalho e suas relações com a violência, Silva e Blanchette (2017) argumentam que, na estrutura patriarcal e capitalista, não são somente as prostitutas que sofrem violências nas relações assimétricas entre os gêneros e que mercantilizam seus corpos a um trabalho que pode ser precário. Portanto, a divergência do tratamento social direcionado às (demandas de) mulheres prostitutas, em relação às (demandas das) "outras" mulheres ou "outras" cidadãs, seria produto do moralismo com que a sexualidade é percebida em nossa sociedade. Conforme colocaram: "o que parece ofender, em suma, é que algo que deveria ser dado por amor (ou – mais historicamente – por obrigação) passa a ser comodificado" (SILVA E BLANCHETTE, 2017, p. 5).

É importante considerar que a motivação financeira demarca, claro, um dos importantes aspectos da compreensão da prostituição enquanto trabalho. Nesse sentido, Prada (2018), partindo de sua experiência pessoal, menciona que a prostituição é uma profissão que "não exige formação e remunera relativamente bem" (PRADA, 2018, p. 42), mesmo que, em sua percepção, isso muitas vezes não seja levado em conta pelos movimentos que lutam para aboli-la. Além disso, ela destaca que nesse campo profissional aceita-se a uma ampla diversidade de corpos.

Em se tratando do moralismo que perpassa as compreensões sobre a prostituição, Prada (2018), mulher que se declara simultaneamente puta e feminista, apresenta uma crítica contundente às vertentes

abolicionistas do feminismo e ao moralismo que carregam e alimentam.
Em suas palavras:

É interessante notar que a utopia dita feminista de erradicar a prostituição tem imenso apoio do Estado, dos governos, da Igreja e da sociedade em geral, enquanto outras lutas feministas, como a legalização do aborto ou a equiparação salarial entre homens e mulheres, são duramente combatidas por essas mesmas forças (PRADA, 2018, p. 34).

Na composição desse debate, vale retomar as ideias contidas nos estudos de Rago (1990), quando afirma que a possibilidade de rompimento com o moralismo nas concepções sobre a prostituição depende da abertura para compreendermos essa prática social em sua singularidade, complexidade e positividade. Autoras como Nascimento (2014) e Piscitelli (2014) corroboram com essa perspectiva e discutem que não encontramos apenas violências ou precariedades nos cenários de prostituição, como também: solidariedades, amizades, aprendizados, cuidados com o próprio corpo, paixões, mobilidades entre territórios, prazeres sexuais, conquistas de bens materiais etc. Em resumo, a prostituição e as socialidades que ela envolve demarcariam "territorialidades entre afeto e violência" (NASCIMENTO, 2014, p. 84). Muitas vezes, inclusive, de acordo com Fonseca (1996) e Olivar (2013), nota-se redes de solidariedades entre mulheres prostitutas na criação de estratégias para se protegerem e enfrentarem abusos ou ameaças envolvendo policiais, clientes e maridos.

A vertente regulamentadora contesta a ideia da impossibilidade de escolha ou consentimento de mulheres prostitutas. Entende, de acordo com Sousa (2016), que as trabalhadoras sexuais não devem ser vistas como vítimas destituídas de agência e sim como sujeitos de suas práticas. Essa autora, apoiando-se em Paulo Freire (1970 apud SOUSA, 2016), retoma o conceito de "situacionalidade" para argumentar que as trabalhadoras sexuais, como todas as pessoas, tenderiam a "refletir

sobre a situação existencial em que se encontram e sobre as ações e condições que precisam concretizar para se lançarem para além de onde se percebem" (SOUSA, 2016, p. 2). Nessa linha de pensamento preconiza-se que as prostitutas têm o direito de formular suas reivindicações e dizerem como enxergam a profissão que exercem e seus dilemas.

Os estudos de Sousa (2012) apontam, ainda, para importantes processos pessoais e coletivos de aprendizado na prostituição, denominados pela autora como o "educar-se na noite". Nessa direção, o estudo de Pasini (2000) aborda os caminhos que mulheres prostitutas encontram para regular os seus limites simbólicos corporais, ou seja, a apresentação e atuação de seus corpos, sexualidades, formas de afetação e linguagens, como partes de uma profissionalidade que progride no tempo. Segundo Pasini, as prostitutas "estabelecem, através do corpo, a maneira de experienciar sua vida tanto na prostituição quanto fora da prostituição" (PASINI, 2000, p. 188). Essa compreensão também é evidenciada nos estudos de Olivar (2013), quando observa que há diferenciações entre os comportamentos que as prostitutas direcionam aos clientes e não clientes.

Nota-se expressões de agência quando as mulheres tratam de regular, na prática da prostituição, o que fazer ou não, os modos de fazer e os motivos de cada interdição ou autorização (OLIVAR, 2013). Segundo Olivar (2013), existe uma relação dialética de "predação" entre as mulheres prostitutas e seus clientes, a partir da qual as trabalhadoras sexuais encontram maneiras de negociar suas vontades, seduzir, obter prazeres e vantagens e até objetificar os clientes, no sentido de considerar que o valor de suas existências é mediado pelos lucros que podem proporcionar. Vista dessa perspectiva, a prostituição é revelada como "espaço de prática e experiência" (OLIVAR, 2013, p. 35).

A partir desse conjunto de considerações, é possível ter em conta que as posições que se organizam frente à prostituição feminina estão

situadas, em grande medida, a partir de diferentes interpretações dos binômios afeto/violência, autonomia/heteronomia, escolha/imposição e resistência/opressão nas vivências de trabalhadoras sexuais. As variadas interpretações constituem uma das faces do que Olivar (2013) denominou como “um campo de intensas disputas simbólicas”. E nesse cenário, vozes das mulheres prostitutas têm sido parcialmente escutadas somente nas últimas décadas. Amara Moira, mulher transexual, prostituta e militante, faz uma crítica a essa realidade, que, a seu ver, reflete um problema da produção acadêmica sobre a temática:

A literatura traz personagens prostitutas desde os primórdios. A medicina também vem dedicando muita atenção à atividade, assim como a antropologia, o feminismo e outros tantos ramos do saber. Mas ainda são poucas as obras escritas por nós. Ainda são poucas, pelo menos no Brasil, as prostitutas que se arriscaram a pensar palavras para a própria existência e que conseguiram vê-las publicadas (MOIRA, 2018, p.13).

Nosso estudo, embora não tenha a autoria de uma trabalhadora sexual, tem como ponto de partida o reconhecimento da realidade que Amara aponta e problematiza. Nesse sentido, apoia-se em abordagens teórico-metodológicas que se propõem a conhecer, de forma mais próxima e dialógica, as realidades vividas por trabalhadoras sexuais e suas narrativas autobiográficas. Inspira-se em abordagens dessa natureza, encontradas em estudos de Adriana Piscitelli (2012), Claudia Fonseca (1996, 2004), Elisiane Pasini (2000), Fabiana de Sousa (2012), Loreley Garcia e Silvana Nascimento (2016) e Miguel Olivar (2013).

Tomando como referência os estudos indicados, nota-se a importância de se delimitar o tipo de prostituição que temos em foco. Isso significa identificar o contexto em que se desenvolve, sua historicidade, quais os marcadores sociais de diferença em jogo, interesses em disputa e suas condições particulares de negociação e trocas. Esse caminho tem se mostrado potente para a produção de

análises que foram além das habituais associações entre o trabalho sexual e as categorias "gênero" e "sexualidade" (PISCITELLI, 2005). Vem permitindo aos pesquisadores compreender o trabalho sexual em relação a outros sistemas da vida em sociedade, como: formas de ocupação da cidade, divisão de classes, relações étnicas, parentescos, mercados de trabalho, mobilidades, intercâmbios geracionais, trocas econômicas, comércios locais e socialidades.

Entre os diferentes cenários em que a prostituição pode estar presente, estudos como os de Dantas (2017), Pazzini (2015) e Sousa (2012) têm considerado a relevância das "casas de prostituição" como espaços que situam o exercício profissional (e outras experiências) de mulheres prostitutas. Nessa compreensão, vale observar que as casas de prostituição no Brasil participam do jogo de contradições que marcam a relação entre o Estado e o trabalho sexual.

Conforme Rago (1985), a criação de bordeis ou "casas de tolerância" (casas de prostituição) em nosso país, no século XIX, guardou relação com propostas na época chamadas "regulamentaristas". Essas propostas, inspiradas no modelo francês, previam a delimitação de zonas urbanas específicas para o exercício do sexo comercial. Desse modo, as casas de prostituição fizeram parte de uma tentativa, higienista e policial, de retirar as mulheres prostitutas das ruas e controlar suas vidas, ou seja, "disciplinar a prostituição". Nas palavras de Rago: "a prostituição deveria ser represada para que não transbordasse em práticas condenáveis, desconhecidas e clandestinas" (RAGO, 1985, p 85).

O Brasil, contudo, não efetivou essa forma de projeto regulamentarista. Houve diferentes forças de oposição que barraram a sua realização, entre elas, segundo estudo realizado pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (2013):

Tudo sugere que a relutância das elites imperiais brasileiras para aceitar o modelo francês estava relacionada ao temor de que essas medidas poderiam projetar a imagem do

estado como um “senhor” das prostitutas, exatamente quando a luta pela abolição da escravidão ganhava corpo (ABIA, 2013, p.12).

Embora no passado as casas de prostituição tenham feito parte, de modo declarado, de um projeto governamental, na atualidade elas são um dos elementos ilegais vinculados ao trabalho sexual. A ilegalidade, porém, não elimina a sua importância nas dinâmicas de produção do espaço urbano contemporâneo (RIBEIRO e OLIVEIRA, 2015). O estudo de Ribeiro e Oliveira (2015) aponta que desde os anos 1980 os espaços “fechados” de prostituição passaram a ser notados com maior destaque nas páginas jornalísticas da cidade do Rio de Janeiro. Segundo os autores, esse fenômeno se associou ao período de abertura política e democrática no país, bem como ao afrouxamento da censura oficial. Os estudos de Olivar (2013), por sua vez, observaram que em Porto Alegre:

No percurso dos anos noventa, na medida em que as mulheres abandonavam as ruas, seus direitos eram reconhecidos; a não-criminalização penal da prostituição se afirmava e os controles sanitários discriminatórios desapareciam nas capitais, o número de espaços fechados dedicados à prostituição, “privês”, aumentava e se diversificava consideravelmente na cidade (OLIVAR, 2010, p. 239).

As casas de prostituição, tão presentes no meio urbano, têm recebido denominações variadas nas diferentes cidades brasileiras e seus contextos particulares. Em Guaianases, por exemplo, território que situa este estudo, são conhecidas como boates e privês. E não são somente as nomenclaturas, mas diferentes as questões que envolvem a estrutura e o funcionamento dessas casas, divergindo de acordo com cada localidade, como pode ser notado pelos estudos de Dantas (2017) e Silva e Blanchette (2011). Essas questões podem incluir os horários de abertura das casas, as formas de organização dos espaços, suas regras

internas, a maneira de se definir o preço dos programas, as condutas sobre a hospedagem de pessoas, entre outros aspectos.

A apreensão de um tipo ou contexto de prostituição deve levar em conta as informações sobre o espaço no qual ela acontece. E, do mesmo modo, devem ser lançadas luzes sobre as perspectivas "nativas" das/nas realidades que os estudos observam. Isso vem se traduzindo, em parte, em escutar as pessoas que se prostituem, conhecer suas práticas, isso é, valorizar a dimensão de suas experiências corporificadas, vividas, performadas (OLIVAR, 2013). Além disso, o contato mais próximo com essas pessoas - dotadas de nome, corporeidade, idade, histórias, trajetórias, afetos, opiniões, identidades, relações e papéis sociais - tem possibilitado situar o trabalho sexual como uma das esferas, dentre tantas outras, na composição de suas vidas (FONSECA, 1996, 2004).

A partir do momento em que ampliamos nosso campo de visão e avançamos a outros cenários ou esferas da vida das mulheres prostitutas, notamos que a prostituição não ocupa necessariamente um lugar de destaque em suas experiências, dilemas ou narrativas. Essa mudança (ou divisão) de foco tornou-se um marco importante para o campo de estudos sobre prostituição, na medida em que nos permite abandonar as projeções da imagem estática da "eterna prostituta" (FONSECA 1996, p. 13) sobre as mulheres com quem pesquisamos. Dito de outra forma, podemos percebê-las como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão além do trabalho. Na investigação dos seus caminhos extraprofissionais, podem ser abordados temas ou dimensões como: vida familiar, amizades, outras profissões, organização financeira, religiosidade, projetos e lugares de circulação. Como pontuou Fonseca (1996, 2004), as vivências cotidianas são potentes em nos ensinar para além do que estamos habituados.

Quando descentramos as perspectivas hegemônicas (religiosa, médica, jurídica, masculina) sobre as mulheres prostitutas, podemos, ao menos parcialmente, romper com os imaginários sociais dominantes e

nos permitir conhecer as pessoas reais, “de carne e osso” (FONSECA, 1996, p. 13). A partir dessa ação torna-se possível desconstruir ideias polarizadas de que a mulher prostituta seria sempre: mulher miserável, sem opções, vítima do trabalho sexual; ou mulher exuberante, subversiva, dotada de habilidades sexuais especiais. Nessa direção, Prada (2018) discute que “a prostituta pode ser a vizinha que cria os filhos sozinha, a universitária que mora ao lado, a moça independente e discreta da casa da frente” (PRADA, 2018, p. 67).

Essa discussão, sobre prostituição e rompimento de estereótipos, ganha força quando referenciamos a trajetória de Gabriela Leite. Em seu livro autobiográfico, Leite (2009) narra que o fato de tornar-se prostituta e militante pelos direitos das trabalhadoras sexuais não impossibilitou a coexistência de outros projetos ou vivências, como o casamento, a maternidade, as amizades, as conquistas (materiais e imateriais) e a formação política. Ela diz que ser puta lhe possibilitou uma espécie de “revolução pessoal”.

Assim, quisemos seguir um caminho similar ao dos estudos indicados, ou seja, menos estereotipante e mais dialógico. Conhecemos histórias de vida contadas por mulheres que trabalham em casas de prostituição em Guaianases e que, costurando discursivamente o passado, presente e futuro, com suas singularidades e sentidos tão próprios, relataram múltiplas vivências e percepções sobre suas trajetórias. Em meio a risos e lamentos, elas deixaram transbordar suas escolhas e experiências vitais de autodeterminação, ao lado de imprevisibilidades e urgências criadas pela falta de acesso a recursos mínimos para assegurar seu bem-estar material e afetivo.

2. PELO CAMINHO

O estudo foi inicialmente planejado para se orientar essencialmente pelas referências do método história oral de vida (MEIHY e HOLANDA, 2007), entretanto ganhou novos contornos na medida em que se projetou no território de Guaianases. O trabalho de/em campo realizado durante os meses de abril de 2019 e fevereiro de 2020, sob inspiração da etnografia (MAGNANI, 2002), colocou em foco outros elementos, além das entrevistas que viriam a ser realizadas. Passou a incorporar com maior vigor, como experiência pertinente e fecunda para reflexão, a observação de realidades que compõe o mundo do trabalho e a produção da vida cotidiana de mulheres que atuam no mercado do sexo local.

Foram valorizadas observações sobre os espaços físicos e relacionais em que o estudo se situou, sobre os encontros e conversas travadas durante as várias horas passadas tanto em boates e privês de Guaianases como em outros espaços de atividades das interlocutoras e, por fim, sobre minhas impressões e afetações no transcorrer dessas vivências. Com isso, foi possível a construção de processos de análise baseados nos nexos entre esses elementos e as entrevistas de três mulheres sobre suas histórias de vida. Esse caminho metodológico se assemelhou ao de outros estudos sobre prostituição no Brasil, entre os quais as estratégias de pesquisa oriundas nos campos da antropologia e/ou da história cultural têm ganhado destaque, como apontou Olivari (2014).

Para a compreensão dos aspectos etnográficos envolvidos, levando em conta nossa localização no meio urbano, tomamos como referência os estudos de Magnani (2002), que discute a aplicação do fazer etnográfico à realidade das grandes cidades contemporâneas. Em paralelo, consideramos como orientação os percursos metodológicos de estudos que adotaram a etnografia em contextos de prostituição, como

os trabalhos de Fonseca (1996, 2004), Nascimento e Garcia (2015), Olivar (2010) e Pasini (2000).

Nos estudos de Magnani (2002), ainda que o autor reconheça as consequências macrosociais dos processos de urbanização, a discussão é focada em olhar para as múltiplas formas de sociabilidade nas grandes cidades. Para ele, “o elemento que em definitivo dá vida à metrópole” (MAGNANI, 2002, p. 15) é a existência de seus atores sociais, que partilham e produzem diferentes formas de relacionamentos, estilos e rituais de vida, deslocamentos e conflitos.

De acordo com Magnani (2002), a vida que se realiza cotidianamente na cidade, ou seja, suas dinâmicas culturais, pode ser melhor compreendida somente a partir de um olhar “de perto e de dentro”, isto é, um olhar marcado pela imersão nos contextos dessas dinâmicas. Segundo o autor, isso permite a criação de novos entendimentos sobre o “concreto vivido” (MAGNANI, 2002, p. 17) na cidade, para além das perspectivas distanciadas e hegemônicas sobre seus fenômenos e grupos sociais. Em outras palavras, descrever os espaços da cidade, seus equipamentos, caminhos, pontos de encontro, atividades e acontecimentos habituais, bem como as relações que os indivíduos estabelecem nesses cenários, é parte fundamental do fazer etnográfico.

O fazer etnográfico, em suas dimensões de proximidade, diálogo e detalhamento em relação ao objeto observado, mostra-se potente em romper com estereótipos. Isso pode ser notado, por exemplo, no trabalho de Nascimento e Garcia (2015). As autoras, estudando a prostituição entre jovens mulheres no interior da Paraíba, expressaram que a partir da etnografia foi possível a construção de novos olhares sobre a realidade que observaram. Conforme afirmaram, puderam “colocar, em primeiro plano, os sentimentos, os significados e as vivências nos seus múltiplos pontos de vista” (NASCIMENTO e GARCIA, 2015, p. 384). Na mesma linha de pensamento, Olivar (2010), em seu estudo junto a mulheres

prostitutas e militantes, argumentou que o exercício etnográfico possibilitou que conhecesse:

(...) os investimentos práticos, corporais, cotidianos dessas mulheres para ser-no-mundo, para lidar com as violências, para seduzir e ganhar poder, para tecer-se nas transformações pessoais, coletivas e sociais. A maneira como no dia-a-dia se tornam tudo quanto são, inclusive putas e prostitutas (OLIVAR, 2010, p. 54).

É a partir desse conjunto de reflexões sobre a etnografia que construímos nossa aproximação ao território de Guaianases e suas casas de prostituição, bem como operamos o contato com as colaboradoras do estudo e realizamos as posteriores descrições desse percurso. Além disso, em determinado momento do trabalho de/em campo, avançamos a outra estratégia de pesquisa: a realização de entrevistas, orientada pelo método história oral, com ênfase ao gênero história oral de vida.

Cabe dizer que parte das experiências relacionais durante o trabalho de/em campo esteve associada ao cumprimento das etapas procedimentais propostas pelos estudos em história oral de vida, nos quais a transcrição, textualização e transcriação das narrativas envolvem a revisão do texto escrito pelas pessoas entrevistadas (MEIHY e HOLANDA, 2007). Desse modo, a manutenção de certo grau de vinculação com as mulheres por meio de contatos periódicos, utilizando chamadas ou mensagens eletrônicas e a partir de encontros presenciais, favoreceu a construção de uma linha de continuidade e mobilização de afetações recíprocas.

De acordo com Meihy e Holanda (2007), a história oral tem sido considerada fonte privilegiada de narrativas, principalmente em estudos com pessoas e grupos socialmente marginalizados. Em história oral, as entrevistas acontecem na modalidade "aberta". Busca-se que as pessoas entrevistadas se sintam confortáveis em construir suas narrativas da forma que preferirem, isso é, percebam-se em um campo de interação favorável para organizar a própria memória e conferir os sentidos lógico-

afetivos ao seus relatos e argumentações. No caso do gênero história oral de vida, isso se aplica ao falarem sobre suas trajetórias de vida.

Segundo Portelli (1997), a forma de fazer e registrar entrevistas em história oral sempre aponta aspectos desconhecidos de fatos já conhecidos e nos permite o contato com perspectivas pouco exploradas sobre as populações não hegemônicas. Pode-se entender, assim, que esse método assume um lugar político na produção do conhecimento, pois, em certa medida, democratiza a criação dos registros coletivos de memória e interpretações sobre a realidade sócio-histórica. Conforme Iokoi (2008), a história oral possibilita “uma síntese dialética entre dois ou mais pólos ativos da reflexão e da conceituação” (IOKOI, 2008, p. 4), indicando a busca pela superação das diferenças interpostas entre os sujeitos que dialogam.

Consideramos, ainda, que em história oral as pessoas não contam somente o que fizeram, mas também o que gostariam de ter feito, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensam que fizeram, como discute Portelli (1997). Dessa forma, essa abordagem de pesquisa marca outro diferencial ao revelar a memória não apenas como depósito de fatos objetivos, mas “um processo ativo de criação de significações” (PORTELLI, 1997, p. 33). No caso da história oral de vida, esse processo é o que coloca as trajetórias dos narradores em fluxo, conectando-as, também, aos fatos transcorridos ao seu redor.

A coleta de uma história oral de vida, do ponto de vista procedimental, é realizada com a utilização de um gravador de voz. Além disso, o pesquisador conta com anotações em diário de campo, para registrar informações da ocasião na qual se deu cada entrevista e seus elementos particulares (MEIHY e HOLANDA, 2007). No estudo realizado, as gravações de entrevistas aconteceram de acordo com as exigências éticas em pesquisa. Todas as mulheres receberam e assinaram a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atendendo aos requisitos éticos estipulados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

(CONEP), do Conselho Nacional de Saúde, em consonância com a versão do projeto aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo⁶.

Depois que cada história de vida foi coletada oralmente, realizamos o tratamento do material gravado (MEIHY e HOLANDA, 2007), começando com a transcrição daquilo que foi dito, ou seja, a passagem “literal” do conteúdo do código oral ao código escrito. Em um segundo momento, fizemos a textualização das entrevistas, que implicou a reorganização cronológica e/ou temática dos aspectos abordados por cada colaboradora. Na sequência, aconteceu a transcrição dos textos, processo em que há a recriação da “atmosfera” em que se deu cada entrevista, ou seja, a inclusão de materiais extra texto: observações sobre o lugar; acontecimentos externos à gravação; impressões sobre gestos e tons utilizados durante as falas; entre outras coisas.

Quando cada transcrição foi realizada, seguimos ao processo de verificação e validação do seu conteúdo pelas mulheres entrevistadas. Com as novas versões de suas histórias de vida, nos encontramos novamente e realizamos a leitura conjunta dos materiais. Nessa etapa da pesquisa, elas puderam acrescentar, corrigir ou retirar trechos conforme sua vontade e perspectiva. Por fim, neste trabalho foram publicadas somente as narrativas das mulheres que validaram o formato final, transcrito, de suas histórias, bem como autorizaram a sua divulgação.

⁶ Tais procedimentos visam a atender aos princípios e normativas éticas orientadas na Resolução 466/2012 do Ministério da Saúde e da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

3. PAISAGENS E NARRATIVAS EM GUAIANASES

Este capítulo está dedicado a uma apresentação sobre Guaianases. Primeiramente, constam aspectos históricos e sociodemográficos do território. Em seguida, trata-se do trabalho etnográfico realizado na região, com ênfase no circuito de boates e privês e incluindo a descrição dos caminhos de interação junto às três mulheres que foram entrevistadas no estudo.

3.1 Breve histórico e algumas características do território

Guaianases é um distrito localizado no extremo leste da cidade de São Paulo, distante aproximadamente 30 km do centro da capital. Seu nome remonta às comunidades indígenas Guaianás, que viviam na região até o início do século XIX, antes de serem exterminadas por povos europeus. Teve esse nome oficializado apenas em 1948. Antes disso era conhecido como Lajeado (CASTILHO, 2007).

No início da sua colonização, seu território foi utilizado como caminho privilegiado a diferentes destinos, como: ao Vale do Paraíba, pela Estrada do Imperador; às Minas Gerais, onde acontecia a exploração do ouro; e até a capital do país, na época Rio de Janeiro. Ademais, a região servia como parada de descanso aos viajantes. De acordo com Castilho (2007), a topografia local era favorável a essas travessias porque não impunha grandes barreiras naturais, ou seja, apresentava rios e vales facilmente transponíveis.

Aos poucos o território passou a ser reorganizado, obedecendo, diz Silva (2016), a uma dinâmica comum na história paulistana: houve a instalação de uma igreja católica, seguida da formação de vilarejos em seu entorno. A igreja, fundada em 1861, foi nomeada inicialmente Capela de Santa Cruz do Lajeado e mais tarde renomeada Igreja Santa Quitéria. Segundo Castilho (2007), na formação daquela comunidade pequenos comércios e propriedades rurais apoiavam a manutenção da vida local.

Em 1875 a Estrada de Ferro D. Pedro II, mais tarde conhecida como Central do Brasil, chegou à Guaianases. Esse foi um marco para a região, que passou a participar ativamente dos transportes de cargas envolvendo a expansão urbano-industrial de São Paulo (CADERNO..., 2016; CASTILHO, 2007). A ferrovia dividiu o território em dois pedaços, que passaram a ser chamados Lajeado Novo e Lajeado Velho. O que conhecemos hoje por Guaianases corresponde ao antigo Lajeado Velho.

Já a área chamada Lajeado Novo manteve o nome Lajeado e foi considerada outro distrito da região.

Conforme Castilho (2007), na primeira metade do século XX o território contribuiu materialmente com a construção civil em São Paulo, principalmente com a fabricação de tijolos, telhas e com a venda de granitos (extraídos em suas pedreiras). Não houve, porém, a instalação de parques industriais em Guaianases, pois suas condições geológicas/geotécnicas, em especial os baixos volumes naturais de água e as irregularidades dos terrenos, foram consideradas desfavoráveis a esse propósito (CASTILHO, 2007).

Ao passo que São Paulo recebia intensos fluxos migratórios de pessoas e grupos em busca de emprego e melhores condições de vida, Guaianases tornou-se uma região atraente para moradia. Isso porque permitia o acesso ao centro da metrópole, ao mesmo tempo em que oferecia loteamentos e aluguéis a baixos preços. Passou, então, a receber significativas parcelas de famílias com origem nas regiões norte e nordeste do Brasil, em busca de empregos na cidade (CADERNO..., 2016; CASTILHO, 2007).

A chegada em massa de migrantes contribuiu para o aumento da instalação de casas autoconstruídas, em grande parte, em áreas livres, localidades muitas vezes inadequadas a essa finalidade. Segundo o documento Caderno... (2016) e Castilho (2007), notava-se o baixo nível técnico das construções, a partir do uso de materiais simples e sem as exigências estéticas habituais no acabamento de obras. Em paralelo a esses processos, a partir da década de 1970 foram erguidos conjuntos habitacionais populares em Guaianases. Esse fenômeno refletiu a atuação de diferentes forças, entre elas: a continuada chegada de pessoas na região; a mobilização de movimentos sociais em prol de moradia; e políticas habitacionais para população de baixa renda.

Embora o visível aumento da população no distrito, não houve investimentos públicos proporcionais para o desenvolvimento de sua

infraestrutura. Exemplo disso é a inexistência de saneamento básico em diferentes partes do território, até os dias de hoje. Muitas pessoas estão instaladas às margens de cursos de água, o que contribui para frequentes enchentes nessas localidades. Outra problemática vivenciada por parte dos moradores são os deslizamentos de terras em áreas habitadas – o que inclusive foi relatado por uma das mulheres que foi entrevistada no estudo. Dessa forma, pode-se considerar que Guaianases apresenta importante vulnerabilidade socioambiental, conforme análise da subprefeitura local (CADERNO..., 2016).

Nos tempos atuais Guaianases é administrado, juntamente com o distrito Lajeado, pela Subprefeitura de Guaianases. Esses territórios limítrofes se confundem desde que compartilham os percursos históricos de urbanização, ocupam as redondezas da mesma estação de trem e se assemelham em muitos dados sociodemográficos (CADERNO..., 2016). A referida estação de trem, conhecida por Estação de Guaianases, é servida pela linha 11 da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). No âmbito do transporte público, essa é a principal via regional de acesso aos fluxos periferia-centro e aos municípios vizinhos: Ferraz de Vasconcelos, Poá, Suzano e Mogi das Cruzes. Apesar disso, esse serviço mostra-se insuficiente para abarcar a dimensão e as necessidades da população, que enfrenta, diariamente, plataformas e vagões superlotados. Isso acontece em especial nos horários de pico, como tem mostrado há anos a mídia jornalística.

De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população da Subprefeitura de Guaianases somava, em 2010, 268.508 habitantes, vivendo em uma área circunscrita em 17,8 km². Isso caracteriza o território como região de alta densidade demográfica. Ademais, na ocasião do censo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) local foi calculado em 0,701, registrando o terceiro menor número entre as 31 subprefeituras de São Paulo. Vale dizer que o fator "renda per capita" dos moradores foi o indicador que

mais divergiu, para baixo, da média do município. Esse fator se relaciona à pouca oferta de trabalhos formais na região, de acordo com o documento Caderno... (2016).

Para inserir-se no mercado formal de trabalho, parte importante da população local desloca-se de Guaianases a outras regiões de São Paulo. Desse modo o distrito é, assim como outros territórios periféricos da cidade, considerado um "bairro dormitório", como argumenta Castilho (2007). Essa problemática é reconhecida pela subprefeitura local e o órgão afirma a necessidade de implementação de políticas que fomentem a criação de empregos formais na região (CADERNO..., 2016).

Para além dos números e dados quantificáveis, a caracterização de Guaianases enquanto bairro suburbano de uma metrópole como São Paulo pode ser vista da perspectiva que envolve o plano mais geral de reflexões sobre a periferia. Entre outras nuances, pode-se pensá-la pelas vertentes teóricas que, interessadas no processo sócio-histórico de desenvolvimento das grandes cidades no Brasil, discute a formação desses espaços como resultado dos processos econômicos que marcam a constituição do Estado capitalista brasileiro. Sob esse prisma, a periferia é predominantemente observada pelo viés da escassez e da exploração econômica, da precariedade de serviços e de infraestrutura, bem como pelo distanciamento em relação aos centros urbanos (KOPPER; RICHMOND, 2020).

Sem dúvida, Guaianases traz em sua paisagem as marcas que caracterizam as periferias das grandes cidades brasileiras. Em razão de um extenso conjunto de fatores sociais e econômicos, seus habitantes podem acessar apenas precariamente direitos fundamentais como saúde, educação, habitação, entre outras dimensões do bem-estar coletivo. Por lá se vê a pobreza nas suas várias faces.

Sob outro ângulo, Guaianases também pode ser observada pela vida que pulsa no território e pelo protagonismo de seus moradores em experiências inventivas, de sociabilidade, de resistência e sobrevivência.

Essa possibilidade foi aberta academicamente por estudos que a partir dos anos de 1970 e 1980 no Brasil passaram a privilegiar a revelação da periferia não apenas pelas carências e pela distância das áreas mais centrais, mas também como produtora de práticas peculiares e sistemas simbólicos. Assim, tornam-se evidentes os diferentes matizes dos contextos periféricos, se opondo às homogeneidades de outros olhares que não os conseguem captar (MAGNANI, 2009). No âmbito do trabalho, por exemplo, nota-se em Guaianases os tradicionais circuitos de comércios considerados informais e concentrados na região central do bairro, ilustrados pela expandida presença de camelôs e pelo próprio comércio sexual.

Alguns estudos têm destacado, ainda, a importância da presença negra em Guaianases (AZEVEDO e SILVA, 2015; SILVA, 2016) e sua participação nas relações históricas e socioculturais, em especial no período de sua acentuada urbanização e aumento demográfico, entre os anos de 1930 e 1960. Ao contrário do conhecido protagonismo da imigração europeia sempre enfatizado nos estudos históricos sobre São Paulo, ouvindo e cruzando histórias Silva (2016) revela as experiências negras como expressões culturais contínuas e enraizadas na vida da comunidade.

Não sendo o caso de invalidar o fato de que em uma sociedade capitalista a produção social do espaço urbano se assenta na distribuição desigual da riqueza entre os territórios, trata-se de se buscar a compreensão de interações sociais diversas que ocorrem no processo de produção e transformação do espaço em que se vive.

Chegado a esse ponto da reflexão, a proposta, na continuidade deste texto, é uma introdução às realidades que conheci sobre o mercado do sexo em Guaianases.

3.2 Um olhar de perto e de dentro: o mercado do sexo em Guaianases

Durante os três anos em que trabalhei em Guaianases ouvi diferentes histórias que faziam referências ao mercado do sexo local. A partir dessa experiência, foi possível identificar que há um conhecimento difundido sobre a existência de “casas” de prostituição feminina (cisgênero) no território. A prostituição de rua, por sua vez, não parece ser um fenômeno amplamente observado ou debatido.

Com o apoio de moradores e outros trabalhadores da região, realizei, em abril de 2019, um mapeamento das casas de prostituição em atividade e as mais conhecidas estavam localizados em ruas do entorno da estação de trem. Tracei como estratégia de pesquisa realizar um itinerário de primeira visita a cada um desses locais, ainda sem me identificar como pesquisador, ou seja, assumindo uma performance de potencial cliente ou apenas um observador curioso. A intenção era criar uma aproximação inicial com esses espaços e suas dinâmicas, para posteriormente experimentar uma entrada mais amadurecida, clara e delimitada – já com a possibilidade de fazer contato mais direto com as mulheres e convidá-las a participar do estudo. Para essa fase do trabalho contei com a participação de um amigo, que, já tendo circulado por muitas casas de prostituição de São Paulo, aceitou me acompanhar.

Como parte da preparação para o trabalho de/em campo e partindo de uma racionalidade profissional situada na área da saúde, estabeleci contato com o Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de Guaianases. Os CTA são equipamentos do Sistema Único de Saúde (SUS) que ofertam atendimento prioritário às trabalhadoras sexuais da região pela qual são responsáveis (BRASIL, 2008). Minha expectativa era conhecer as abordagens comumente utilizadas junto a essas mulheres, incluindo temas bem aceitos ou frequentes, assuntos delicados etc. Naquele momento, ainda de inexperiência em campo, estava mobilizado

por muitas inseguranças e buscava formas de me sentir instrumentalizado para o que estava por vir.

A despeito das minhas expectativas, as profissionais do CTA me alertaram, com base em suas próprias experiências de trabalho, que possivelmente seria muito difícil encontrar mulheres cisgênero dispostas a participarem do estudo. Elas disseram que essas mulheres, em geral, demonstram-se pouco disponíveis em expor aspectos de sua vida privada, mesmo quando esclarecidas sobre os contratos de sigilo. Na percepção institucional isso acontece, principalmente, porque muitas delas preservam seus vínculos familiares e mantêm a profissão em segredo da família - inclusive me disseram que muitas moram em outros territórios da cidade ou em municípios vizinhos.

Iniciei as idas às casas de prostituição e me deparei com limitações anteriores às possíveis barreiras na interação com as mulheres prostitutas. Em duas casas fui informado que os seus horários de funcionamento eram restritos ao final da noite e madrugada e, levando em conta questões de segurança e deslocamento, optei por não conhecê-las. Ademais, tive o acesso negado, enquanto pesquisador, em outros dois locais - que, segundo ouvi, pertenciam aos mesmos donos. No decorrer dessas vivências fui compreendendo que o trabalho de pesquisa, em cenários reais e com pessoas reais, não poderia ser rigidamente controlável. De outro modo, se daria como uma construção aberta a experimentações, apostas, espontaneidades e rearranjos, possíveis apenas durante os caminhos percorridos e nos momentos-espacos dos encontros interpessoais.

Conforme mencionado anteriormente, estive em campo durante onze meses, entre abril de 2019 e fevereiro de 2020, considerando-se desde o mapeamento das casas de prostituição até a validação da última história de vida transcrita. Ao longo desse processo, tive livre circulação em três casas diferentes: dois privês e uma boate. A seguir, estão descritas algumas das experiências vivenciadas e observações feitas

nesses lugares. Cabe lembrar que, por razões éticas, nomes fictícios serão usados, tanto para as casas quanto para as trabalhadoras, a fim de preservar suas identidades.

A Casa das Damas

A Casa das Damas está localizada em uma rua que conecta a estação de trem de Guaianases a um caminho comum para o CAPS onde trabalhei. Assim, sua fachada se fez uma imagem presente em meu cotidiano, nos trajetos casa-trabalho-casa. Sempre me chamou a atenção o fato de que essa casa fica quase em frente a uma igreja evangélica. E naquele cenário, ambos os lugares protagonizam uma verdadeira disputa, sonora e simbólica, ocupando a rua: a igreja com seus sermões e louvores amplificados em caixas de som e a Casa das Damas emitindo estilos musicais variados - geralmente arrocha, tecnobrega, *funk* ou sertanejo. Os dois lugares mantêm as portas abertas para quem passa, formando uma cena de contraste entre as ofertas do suposto sagrado e do suposto profano, ou seja, a "casa de Deus" e o "inferninho".

A Casa das Damas é um privê, o que na definição de suas trabalhadoras significa um lugar em que os clientes chegam, escolhem a garota e fazem o programa. Em outras palavras: "não é um lugar para ficar, para curtir" ou, ainda, "não é uma boate" (falas registradas em caderno de campo). Outra explicação comum é que ali é um local "para quem quer ganhar dinheiro rápido". Nesses sentidos, nunca presenciei filas de espera para atendimento e não são comuns conversas prolongadas entre clientes e trabalhadoras, pelo menos fora dos quartos.

Na composição da dinâmica rápida da Casa das Damas, parece funcionar um habitual roteiro de recepção e captação dos clientes. As mulheres tendem a cumprimentá-los com largos sorrisos e calorosos abraços, esperando perceber (e disputando entre si) por qual delas irá surgir o maior interesse. A partir disso, o programa é combinando. Fator que auto realiza uma parte importante das negociações em jogo são os preços fixos e tabelados dos programas: 20 minutos por 30 reais, 30 minutos por 40 reais ou 60 minutos por 70 reais. Os valores são pagos

diretamente à gerência, que controla as chaves dos quartos e o tempo de duração dos encontros.

Essa casa abre todos os dias do mês e, de segundas às sextas-feiras, funciona desde o período da manhã, por volta das nove horas, até aproximadamente às onze da noite. A maior concentração de pessoas acontece nos horários ditos comerciais. Aos sábados, domingos e feriados, os horários de funcionamento tendem a ser reduzidos, variando conforme a relação oferta-demanda.

O privê está estruturado da seguinte forma: sua entrada, do tamanho de uma pequena garagem, acomoda uma mesa de plástico, três cadeiras e uma câmera de segurança - posicionada discretamente. Após um curto lance de escada há outro ambiente, um pouco maior que o anterior, com as paredes pintadas em vermelho. Nesse local ficam alguns bancos para se sentar, uma máquina *jukebox* (fonte da seleção de músicas que chegam à rua) e um guichê, ocupado pela gerência e ponto de venda de bebidas. A Casa das Damas é um sobrado e no andar de baixo há, ainda, um banheiro e uma cozinha, essa de acesso restrito às trabalhadoras. O andar de cima é reservado aos quartos, cinco no total.

O perfil de trabalhadoras nessa casa é de mulheres jovens, aparentando menos de 30 anos de idade, magras e em maioria não branca. Elas parecem compartilhar um padrão de vestuário, caracterizado por vestidos justos e curtos ou combinações de blusas curtas e decotadas, short ou mini-saia e maquiagem. Os cuidados relacionados à aparência física são frequentemente debatidos por elas, entre a espera de um cliente e outro. Já em relação aos frequentadores do lugar, é possível notar uma alta variabilidade de faixas etárias, tipos corporais, características étnico-raciais e estilos de vestimenta. Sob esse prisma, a Casa das Damas tem uma freguesia bastante diversificada, social e culturalmente falando.

Observar a circulação de clientes foi um aspecto interessante do trabalho de/em campo. Passei a ficar mais atento a essa dimensão da

realidade desde que encontrei, dentro do privê, um conhecido usuário do CAPS fazendo a contratação de um programa. A partir disso, registrei algumas cenas que presenciei.

Uma vez reconheci um trabalhador de uma lanchonete local fazendo uma entrega de lanches na Casa das Damas. Depois de realizar sua tarefa, ele foi seduzido a pagar um programa e a aproveitar “vinte minutinhos de prazer”, conforme argumentou a mulher que o atenderia. Esse trabalhador do ramo alimentício e as trabalhadoras sexuais pareciam estabelecer uma relação de familiaridade, construída (talvez) a partir das frequentes trocas de contratação de seus serviços (lanches e programas), exemplificando uma relação de contratualidade possível entre os comércios da região.

Outra cena marcante foi quando um ciclista, caracterizado com vestes e equipamentos de proteção, fez uma pausa no que parecia ser um treino de corrida e estacionou a bicicleta dentro do privê, para contratar e realizar um programa. Essa situação, até então inimaginada por mim, rendeu comentários e risadas com as trabalhadoras. Elas aproveitaram e me contaram sobre outro homem que estacionou o carro em frente ao local e deixou o filho, uma criança, esperando dentro do automóvel, enquanto pedia para acessar “uma transa rapidinha”. Contaram isso em tom de chacota misturada com indignação e disseram que se recusaram a atendê-lo. Esse conjunto de acontecimentos estimularam em mim a reflexão sobre a heterogeneidade de clientes e os fluxos, não tão óbvios, de pessoas que circulam no bairro e interagem em função do comércio sexual.

A respeito das conversas que tive na Casa das Damas, vale mencionar um diálogo que aconteceu anteriormente à minha apresentação como pesquisador. Na ocasião, me nomeei um trabalhador no CAPS, que, após o expediente, queria degustar uma bebida no local. Uma das mulheres, então, contou que havia recebido encaminhamento médico para ir ao CAPS, “por conta de depressão”. Disse, porém, que

rasgou o papel e nunca procurou o serviço, pois não se imaginava naquele espaço. Na sequência, uma colega sua disse que muitas "meninas" sofrem por trabalharem na prostituição, mas, curiosamente, fez questão de se diferenciar desse suposto grupo, dizendo que ela não! Ela mencionou que seu trabalho é fonte de "dinheiro rápido" e que constrói planos para sua vida com os recursos acumulados. Aproveitou e fez uma crítica às mulheres que "só se preocupam em casar e ter filhos", sem pensar em "outros objetivos". Por fim, insinuou que talvez fosse uma "universitária camuflada nesse meio", mas não quis me contar mais detalhes sobre si. Embora eu tenha retornado ao privê em diferentes dias da semana, em horários também distintos, nunca mais encontrei essa pessoa, na condição esclarecida de pesquisador.

A partir de quando me apresentei à gerência da casa como pesquisador, embora tenha sido autorizado a circular no ambiente e a conversar livremente com as mulheres, experimentei interações marcadas por certa indiferença à minha presença. Considerando-se que ali seja um lugar para se ganhar dinheiro rápido, talvez não fizesse sentido perder tempo se relacionando com um homem que se autodeclarou não-cliente. Apesar dessa dificuldade, entre idas e vindas ao privê, consegui conversar sobre o estudo com 10 mulheres. Dessas, 6 se recusaram prontamente, em geral gesticulando negativamente com a cabeça e dizendo "não", sem maiores narrativas. Outras 4 disseram, em diferentes momentos, que aceitariam compartilhar suas histórias de vida.

Curiosamente, a própria gerente da casa foi uma das mulheres que demonstrou interesse em colaborar com o estudo. Nos momentos em que não está ocupando esse posto, ou seja, quando alterna os turnos gerenciais com outra pessoa, ela continua trabalhando como "garota". Depois de ouvir sobre a proposta de pesquisa, ela me disse que já havia concedido entrevista a um programa de televisão e que ficaria feliz em dar um novo depoimento sobre sua história. Em princípio, pediu para realizarmos a gravação no campus principal da USP, a Cidade

Universitária, no Butantã. Porém, faltou em duas ocasiões combinadas e não respondeu mais às minhas investidas de conversa.

Uma experiência similar aconteceu no contato com outra mulher. Ela referiu que gostaria de participar do estudo e pediu que fizéssemos a gravação da entrevista em um dos quartos do próprio privê, “em um outro dia”, pois no dia em que conversamos disse que já estava se preparando para ir embora. Marcamos o encontro para outra data, mas ela não foi trabalhar. Conversamos novamente, dessa vez por telefone, e reagendamos a entrevista. Entretanto, novamente ela não apareceu para o expediente no dia combinado. Depois dessas duas ocasiões, a encontrei pessoalmente na Casa das Damas e a mesma disse ter “perdido o interesse”. Levo em consideração a hipótese de que esses eventos possam refletir uma posição não espontânea dessas duas mulheres, seja porque pensaram melhor ou porque, de alguma maneira, foram cerceadas em relação ao aceite inicial.

Semanas depois das tentativas frustradas, conheci Nicole, uma jovem falante e divertida que aceitou realizar uma entrevista no mesmo dia em que nos conhecemos. Sua decisão pareceu impulsionada pelos incentivos de uma “prima de consideração”, também trabalhadora da casa. Essa prima, apesar de não dialogar muito comigo, reconheceu em Nicole uma pessoa interessante para compor com a proposta, levando em conta a sua “desinibição”.

Mais tarde, a partir da relação com Nicole, consegui acessar outra mulher, amiga sua, nomeada aqui como Rafaela. Suas entrevistas foram realizadas em ocasiões distintas, porém ambas quiseram compartilhar entre si as experiências de gravação e as versões textuais de suas histórias de vida. Embora esse comportamento em comum, suas narrativas apontaram para diferentes horizontes de reflexões, marcas e projetos.

O Casarão das Moças

O Casarão da Moças está localizado em uma conhecida rua que começa/termina em frente à estação de trem de Guaianases. Com uma fachada extensa e colorida, é a maior e mais movimentada casa de prostituição da região, contando com nove quartos e cerca de trinta mulheres, que se rodiziam em escalas de trabalho. Divide muros com um salão de cabeleireiro, que atende com frequência as trabalhadoras sexuais, deixando-as “lindas e preparadas para a batalha”, conforme me disse uma delas.

Após o portão, nota-se três ambientes em sequência: um espaço a céu aberto, um espaço coberto e uma pista de dança com globo de luzes (onde nunca presenciei pessoas). No ambiente coberto há uma máquina *jukebox*, banheiro e um guichê, que é o posto de trabalho da gerência e onde são vendidas bebidas de diferentes tipos. Há, ainda, uma passagem restrita que leva à cozinha, apenas para as trabalhadoras, e outro caminho que dá acesso a alguns quartos. Além do térreo, existem quartos construídos como parte de um segundo andar do projeto arquitetônico. Tanto no ambiente coberto quanto no descoberto, ficam distribuídas mesas e cadeiras de madeira, além de pôsteres de bebidas colados nas paredes, compondo uma apresentação similar a de um bar. A partir dessas características, o Casarão das Moças é definido por suas trabalhadoras como uma boate.

Em todas as vezes em que estive nessa boate havia uma alta circulação de clientes, em quantidade aumentada aos finais de semana e feriados (dinâmica oposta ao observado na Casa das Damas). Ilustração desse ritmo pulsante são as filas de espera que se formam para o atendimento, organizadas com a utilização de senhas. Enquanto os clientes aguardam sua vez para acessar um programa, costumam beber e/ou conversar entre si. No dia-a-dia do bairro, é habitual encontramos muitos carros estacionados na rua do Casarão das Moças. O que eu nunca

havia percebido, porém, é que boa parte deles pertence aos frequentadores da boate.

Entre as casas que visitei, essa é a que expõe a maior diversificação de perfis de mulheres, variando em relação a construções sociais que se articulam, simbolicamente, ao desejo e à esfera da sexualidade, como: tipos corporais, vestuários e faixa etária (excluindo-se menores de idade). Ouvi dizer que o Casarão das Moças e a Casa das Damas têm os mesmos donos e que a boate acolhe as “trabalhadoras de mais tempo”, incluindo algumas que vêm do privê. Essas falas parecem indicar a possibilidade de uma espécie de progressão na carreira. Vale dizer que nessa boate os programas são mais caros do que na Casa das Damas: 20 minutos por 40 reais, 30 minutos por 50 reais ou 60 minutos por 80 reais.

Diferentemente de outros lugares que conheci, as trabalhadoras dessa casa não parecem ter a exigência de serem sempre simpáticas com os clientes. Em outras palavras, elas parecem autorizadas a investir pouco pela atenção dos homens e a esperar que esses demonstrem o seu interesse. É importante levar em conta que, conforme mencionado, em alguns momentos a procura é maior que a própria oferta. Nesse arranjo, é comum ver clientes contratando os serviços da “próxima” mulher “livre”, independente de suas preferências ou da interação que tiveram previamente. Nesse contexto as noções de sedução e escolha ganham novos contornos.

A gerência me autorizou a conversar sobre o estudo com as trabalhadoras desde que não houvesse interrupções nos fluxos de atendimento, o que se mostrou muito difícil. Seguindo suas orientações, experimentei ir à boate em diferentes dias e horários, na tentativa de encontrar as melhores brechas para os diálogos. Apesar desses esforços, consegui abordar apenas 4 mulheres e, dessas, 2 disseram não ter interesse em envolver-se no estudo. Entre as outras duas, houve uma que me passou seu telefone e sugeriu um dia para nos encontrarmos com

mais tempo, fora dali, sinalizando que tinha interesse em ser uma colaboradora. O telefone que anotei, porém, estava errado e no dia sugerido a mulher não compareceu ao ponto de encontro combinado. Não a vi novamente e nem tive notícias suas.

Houve outra mulher com quem falei e que aceitou gravar uma entrevista no mesmo dia em que nos conhecemos, na própria boate. Registramos sua história, marcada por conquistas materiais a partir do trabalho sexual, e dias depois ela validou a versão transcrita que apresentei. Comecei a produzir reflexões sobre o conteúdo da narrativa, até que em determinado momento ela desistiu de ser uma colaboradora e explicou que tinha medo de ser reconhecida pela família. A partir do seu pedido, sua entrevista foi descartada. Desse modo, não foi possível trabalhar neste estudo com a história de vida de alguma trabalhadora dessa casa.

O Popular de Guaianases

Localizado próximo a um importante comércio do distrito, o Popular de Guaianases compõe o cenário e o cotidiano de um movimentado pedaço do território. É um privê bastante conhecido por ofertar a opção mais barata e mais rápida de programa na região: 10 minutos por 20 reais. Esse privê é quase vizinho a uma instituição pública, o que forma uma fotografia comum na realidade brasileira: a convivialidade, em meio à paisagem urbana, entre equipamentos de controle social e espaços de prostituição – que permanece sendo uma prática considerada transgressora.

O Popular de Guaianases ocupa o menor terreno entre as casas de prostituição locais e conta, em seu funcionamento, com aproximadamente seis trabalhadoras. Apesar da sua popularidade no discurso de moradores e trabalhadores da região, nessa casa são comuns os períodos esvaziados de pessoas. Associado a isso, eventualmente o privê encontra-se fechado, não sendo possível prever os seus dias e horários de funcionamento. Essa característica dificultou o acesso ao local durante o trabalho de/em campo.

Na primeira vez em que estive nessa casa, minha chegada junto ao meu amigo atraiu imediatamente a atenção de todas as trabalhadoras em expediente. Não havia clientes circulando naquele momento. Elas nos oferecerem programas e, após escutarem as nossas recusas, demonstraram-se desconfiadas. Esclarecemos a razão da nossa presença e expliquei mais detalhadamente a proposta de pesquisa para duas mulheres que estavam à frente do bar. Nenhuma delas, porém, era gerente do lugar e pediram que retornássemos em um outro dia.

Após algumas tentativas frustradas de encontrar a gerente do/no local, as mesmas mulheres com quem conversamos inicialmente permitiram, durante a tarde de um pacato feriado nacional, o diálogo com as trabalhadoras, desde que a conversa fosse “rápida”. Nessa ocasião,

das 3 mulheres presentes, 2 disseram prontamente que não tinham interesse em participar do estudo. Embora tenha recusado, uma delas perguntou, em tom de brincadeira, se ganharia alguma coisa caso aceitasse colaborar. Quando eu disse que não havia contrapartidas materiais, indagou: “nem um buquê de rosas?” – em tom humorístico e sedutor. Respondi que não, mas de forma hesitante. Afinal, seria uma possibilidade interessante, justificada, presenteá-la com flores? Acredito que sim. Porém, mesmo diante a minha hesitação, e antes que eu pudesse argumentar mais, ela reafirmou o seu não-interesse. Essa cena me permitiu refletir sobre as limitações (culturais, institucionais, burocráticas, metodológicas) que encontramos no trabalho de pesquisa para acessar as pessoas com quem desejamos dialogar.

As três mulheres que conheci no Popular de Guaianases têm mais de 40 anos de idade. A diferença do perfil etário das trabalhadoras nesse privê, em relação às outras casas de prostituição do território, não passa despercebida. Uma delas afirmou que esse fator está diretamente associado ao baixo fluxo de clientes no privê, pois, segundo sua fala: “é difícil concorrer com as novinhas”. Apesar dessa colocação, na sequência referiu que aprendeu a valorizar em si mesma características que vão além do capital corporal. Ela explicou que as suas qualidades foram desenvolvidas com o passar dos anos e as experiências na prostituição e mencionou ter habilidades pessoais para “desde um bom papo até um bom sexo”. Essa interessante mulher, chamada Sol, foi a primeira com quem realizei uma entrevista. De forma generosa, ela aceitou compartilhar sua história de vida e, como o astro sol, iluminou os caminhos do estudo. Conforme será apresentado adiante, Sol trouxe graça, irreverência, força e emoção para o conteúdo deste trabalho.

4. ENTRE BOATES E PRIVÊS: TRÊS HISTÓRIAS DE VIDA

Nesta parte da dissertação, constam passagens das narrativas autobiográficas de Sol, Nicole e Rafaela, articuladas a eixos temáticos de discussão. O objetivo foi explicitar aspectos de suas dinâmicas relacionais, travessias, dificuldades e experiências vitais de autodeterminação.

4.1 A história de Sol

Conheci Sol no "Popular de Guaianases", em junho de 2019, durante a tarde do feriado católico-nacional de Corpus Christi. A mulher, usando forte maquiagem e um vestido de onça, me olhou do topo de sua experiência, com uma expressão penetrante e desconfiada, como se pudesse prever que o meu interesse ali não era a contratação de um programa. Enquanto as outras trabalhadoras usaram explicitamente suas armas de sedução, tratando-me como potencial cliente, Sol não assumiu a posição de conquista (como mais tarde eu a vi fazendo com outros homens) e esperou até que eu declarasse a razão da minha visita ao privê.

No momento em que fiz a apresentação da pesquisa, Sol saiu da posição contida e se ofereceu para ser uma colaboradora, anunciando, entre risadas, que teria "muita história para contar". Já nesse dia, listou algumas informações sobre si, como se fossem essenciais e introdutórias para que eu entendesse com quem estava dialogando. Disse, por exemplo, ser uma mulher madura e experiente, beirando os 50 anos de idade e com mais de 20 anos "na vida". Contou, em tom orgulhoso, ser mãe e sustentar, sozinha, a 4 filhos. Na sequência, enfatizou ser "independente de homem" e mencionou que um sinal de sua força foi quando "botou" o ex-marido na cadeia, após sofrer violência doméstica. Ela se adjetivou como polêmica e denunciou que sofre muito preconceito, da sociedade e da família, porque além de puta, é macumbeira! - em suas palavras.

Em uma fala marcante, a trabalhadora disse que frequentemente é questionada se não teria outra opção de trabalho e em seguida me ofereceu a sua resposta:

É claro que eu tenho outras opções, mas eu não posso escolher ser puta? Hoje em dia se fala tanto de empoderamento feminino, mas afinal, o que é isso? Eu

acho que empoderamento é a mulher ser o que ela quiser ser... Se ela quiser ser da igreja, seja! Se ela quiser ser solteira, seja! Se quiser ser casada, seja! E se ela quiser ser puta... Que seja! Ou então o que a sociedade tá querendo é um "enfoderamento" feminino!

Na continuidade de sua reflexão e crítica, Sol afirmou que o seu trabalho a fez a mulher que é hoje. Eu, admirando o seu tom convicto, fui altamente seduzido nesse encontro e senti a necessidade de conhecer melhor as suas perspectivas, a respeito da vida e da "vida". Propus, então, um novo momento juntos e a realização da entrevista gravada contando sua história. Ela concordou e disse que eu precisaria ir à sua casa, pois, para conhecê-la, eu deveria conhecer a seus filhos. Anotei o endereço e combinamos um encontro para a semana seguinte, em um município vizinho à zona leste de São Paulo, onde mora desde 2014.

Durante os anos em que trabalhei na zona leste, me acostumei a pensar em Guaianases como ponto final da linha ferroviária, afinal, esse era o meu caminho rotineiro para o trabalho. Estive nesse território por mais de três anos e nele pude conhecer ruas, praças, casas, instituições e pessoas, bem como escutar histórias (e às vezes presenciar cenas) da realidade local e da vida dos moradores. Quando cruzei os limites de Guaianases e fui adiante, na mesma ferrovia, porém ao encontro de Sol, percebi que isso não significou apenas um deslocamento concreto ou uma alteração de destino, mas uma nova viagem em direção a outros cenários, caminhos, pontos de vistas e narrativas, agora também sobre a prostituição e os percursos dessa mulher.

No dia marcado, Sol me buscou em uma estação de trem e me apresentou outra roupagem de si: estava sem maquiagem, usando um moletom e acompanhada de um dos filhos, uma criança de 5 anos. Na caminhada até sua casa, que durou cerca de meia hora, me narrou em detalhes histórias da mitologia dos orixás cultuados no candomblé, dizendo ser uma apaixonada estudiosa do tema. No trajeto da estação até lá, percorremos uma longa avenida pela qual circulavam muitos

carros e poucos pedestres. Nas calçadas erámos nós três, as histórias mitológicas contadas por ela e o vento forte, até que chegamos em nosso destino.

Sol mora em uma casa térrea e simples, com garagem, sala, cozinha e dois quartos, decorada com fotografias da família e que naquele dia tinha brinquedos espalhados pelo chão. É localizada em uma rua asfaltada, aparentemente tranquila, com outras casas semelhantes à sua. Lá conheci a outros três filhos seus: um menino, também criança, e duas meninas adolescentes (a mais nova mora com o pai e estava de passagem). Sol tem outro filho, mas esse "nunca pára em casa". Quando chegamos, o relógio marcava pouco mais de meio dia e ela se propôs a cozinhar o almoço para todos nós. Aproveitou a ajuda de sua primogênita, "futura advogada" que, igualmente à mãe, gosta de conversar sobre orixás e espiritualidade. O clima da tarde se resumiu em uma constante disputa pela atenção da mãe Sol, ao mesmo tempo em que ela se dividia entre os filhos, o preparo da refeição - a típica combinação de arroz, feijão, bife e salada - e em me deixar confortável.

Ela não aceitou minha ajuda para o preparo do almoço, dizendo que eu era um "convidado" e me tratando como alguém que vive uma realidade muito distante da sua: "imagina, não precisa se incomodar" - argumentou. Enquanto cozinava, falava essencialmente dos filhos e dava espaço para que Renata, a filha mais velha e seu "orgulho", contasse seus feitos no estudo e na religião. Após almoçarmos juntos, pediu que os filhos mais novos fossem brincar na garagem sob a supervisão de Renata, para gravarmos sua história, acomodados no sofá da sala. E foi nessa atmosfera familiar que aconteceu a entrevista, contemplando momentos de risadas, choros e gestos ora de carinho ora de bronca com os filhos, que insistiam em pedir a sua atenção. Ao final da gravação, perguntei como Sol se definiria e a resposta foi essa: "a mãe, a filha, a irmã, a garota de programa, a amiga, a louca, do panavueiro, filha de Iansã".

Algumas semanas mais tarde nos encontramos novamente, em um bar próximo à sua casa. Ela estava acompanhada de um cliente e, enquanto o homem assistia a um jogo de futebol, fizemos a leitura da versão textual (transcrita) de sua história de vida. Sol se emocionou e concluiu que "consequimos um bom resumo de tudo!". A seguir, estão algumas reflexões propostas a partir de recortes de sua biografia, organizados em dois eixos temáticos: "a prostituição como recurso e/ou projeto"; e "as estruturas familiares e seus ciclos como unidades encompassadoras".

A prostituição como recurso e/ou projeto

A pergunta "eu não posso escolher ser puta?" parece dar vida e sentido a muitos caminhos percorridos por Sol. Esse questionamento (retórico, provocativo, incômodo) possibilita interessantes reflexões sobre as dimensões da autonomia em sua vida. Em sua versão autobiográfica, ela tensiona e borra as habituais referências que tentam explicar o complexo fenômeno de "entrada" na prostituição e/ou diminuir o valor da escolha nesse processo. A narrativa é conduzida pelas decisões que tomou.

Ao falar sobre o início da carreira, Sol não mencionou faltas materiais: falta de dinheiro ou falta de oportunidades melhores, por exemplo. Em vez disso, o que ela nos contou diz respeito a uma juventude marcada pelo controle materno incidindo sobre sua socialidade e sexualidade, ao mesmo tempo em que ela corporificava, desde muito cedo, experiências vitais de insubordinação. É nesse contexto que nos falou, em tom de reflexão, sobre o ingresso na prostituição e uma busca por "essa tal liberdade":

Talvez seja que..., sei lá... Por eu me sentir tão presa..., por eu, assim... Pra mim começar na noite, eu comecei

mesmo em busca de uma liberdade. De uma liberdade que eu não tinha em casa (...) Então, quando eu fiquei adolescente eu fui com muita ganância pra vida. Eu acho que foi isso, eu queria tudo muito! (...) Eu queria sair, eu queria poder sair, ver o mundo como era, e aí eu caí na prostituição (...) Foi através de uma amiga. Uma amiga: "Ai, vamos?". "Vamos!". E aí tudo foi uma consequência, foi acontecendo. Eu me acostumei. Eu era muito nova, muito bonita, ganhava muito dinheiro. E aí, querendo ou não - eu vou falar uma coisa pra você - a noite, ela é sedutora!

Enquanto seus familiares moravam em São Paulo, Sol decidiu ir "de carona com uma amiga" para a Bahia, quando tinha aproximadamente 23 anos de idade, para trabalhar em um "brega" na cidade de Itamarajú. Em seus movimentos, não parou em Itamarajú e uma vez disse, com entusiasmo, que "juntou o útil ao agradável" quando, a partir dos circuitos de prostituição, conheceu diferentes territórios do Brasil:

Depois daí eu fui pra Ilhéus, numa casa muito famosa chamada Azulejo, do lado de Bataclan. Eu conheci Bataclan, eu viajei bastante. Fiz vida no Paraná, fiz vida em Sergipe e conheci esses lugares todos.

Seus primeiros anos "na vida" foram marcados pela boa remuneração, ao passo em que vivenciou, nos muitos anos seguintes, reconfigurações desse cenário e da sua relação com o dinheiro. Em suas falas, os recursos financeiros foram tematizados com frequência, assim como o valor - no sentido da legitimidade - do trabalho sexual. Nesse sentido, Sol apresentou uma forte argumentação que parece compor a fundamentação de suas experiências e escolhas:

O meu dinheiro não é diferente de ninguém. O seu dinheiro não é mais [se referindo a mim, pesquisador]. Você ganhou de uma outra maneira, mas é igual. Seu dinheiro não é mais... A faculdade que é pago com dinheiro da prostituição e da advogada é a mesma. O povo fala: "ai, dinheiro sujo". Não! Meu dinheiro não é sujo, não! Eu ganhei honestamente! Eu não roubei, eu não matei, eu não enganei ninguém, eu não droguei ninguém. Porra

nenhuma! Meu dinheiro é limpo, é muito limpo, meu dinheiro não é sujo.

No caminhar entre suas memórias e concepções, ela nomeou, em parte da narrativa, a prostituição como um recurso para o enfrentamento de adversidades - talvez seu, talvez disponível em seu campo de possibilidades. Esse recurso não parece ser análogo a uma ferramenta utilizada eventualmente, ou seja, como subterfúgio pontual. Ao invés disso, parece compor, de maneira ampla, uma espécie de construção identitária vivenciada por ela ao longo dos anos de prostituição:

Foi aquilo que eu te falo: a noite é uma bosta. A gente acostuma. Você vicia. Porque assim: uma vez que você foi garota de programa, você vai ser garota de programa pra sempre. Uma vez puta, puta pra sempre, não tem como negar. Tipo assim, você pode casar, você pode ter uma vida séria. No dia que faltou arroz em casa, você vai fazer vida... Vai, meu, você pode até trabalhar, igual eu já trabalhei. Mas você fala "porra"... Igual eu falo, não vou deixar meu filho passar necessidade, tipo, se eu tenho aquele recurso rápido, eu não vou ligar pra minha mãe, pedir uma cesta, ou ir numa igreja, num vou. Faltou o arroz, cê vai ali...

A partir de falas como essa, a prostituição parece ser reconhecida como um trabalho que a possibilita solucionar problemas financeiros sem a exigência de negociações e contratos sociais que demandem compromissos ou custos afetivos. Os conflitos familiares, conforme descreveu, parecem ser um fator associado a esse "contar consigo mesma". Alimentando esse debate, Sol disse que o fato de ser uma "mulher independente" incomoda aos outros, especialmente aos seus familiares:

Por eu ser essa mulher independente, não precisar de ninguém, ih, meu filho, faz bafão! "Ai, puta!". Eu falo: "faz tempo!" [risada]. É porque cê tem que levar na brincadeira, cê não vai se estressar. Antes eu já tive mais preocupada com opinião dos outros, mas aí eu pensei: "meu, vou ficar

sofrendo porque o povo tá falando da minha vida? Vou ficar negando?”. [simulando diálogo] Ai, você faz programa? Faço. Qual sua profissão? Sou garota de programa. Nossa, mas assim, de boa? É, de boa. Seus filhos sabem? Sabem.

Durante a entrevista, retomamos a pergunta que Sol disse ouvir com frequência: "mas você não tem outras opções de trabalho?". E ela conta ter experienciado, sim, outras práticas profissionais, bem como possuir outras habilidades e ideias para a geração de renda. Apesar disso, quando falou sobre as projeções de futuro, não enfatizou um planejamento de "deixar" a prostituição:

Igual, a minha filha agora vai tá fazendo o pré-vestibular. Logo logo ela vai fazer. Aí começou a faculdade (...) Qual os meus planos pro futuro? É ter, montar um bar, uma tabacaria que seja, aqui na minha garagem; ter uma coisa para mim, que eu não dependa só da noite. Até mesmo pra ter uma renda a mais.

Outro aspecto por ela mencionado foram os aprendizados e trocas sociais vividas nos contextos de prostituição. Em um momento da entrevista, Sol disse considerar que “evoluiu muito como pessoa” sendo puta. Nesse sentido, a possibilidade de alcançar o caráter dialógico e horizontal nas relações parece ter sido um ganho ligado à experiência profissional:

Isso eu aprendi com esse cliente. Ele falava: “você não pode ter só o corpo a oferecer para um homem, você tem que ter a mais a oferecer pra ele”. E é verdade. Hoje em dia eu sei que o homem, quando ele olhar pra mim, ele tem que ver a mais. Não tem que saber o sexo, ele tem que ver que eu posso ser a mais. E eu posso ser a mais, né? (...) Bom, você consegue conversar com qualquer homem na noite de igual pra igual! Com qualquer outra menina, aquelas que fazem faculdade, aquelas que não fazem, aquela que não teve estudo, aquela que já teve.

Reunindo essas observações, é possível dizer que a prostituição, prática que se refez na vida de Sol ao longo de suas muitas

metamorfoses, parece ocupar um lugar estruturante em sua biografia. Dito de outra forma, o trabalho sexual parece representar um dos importantes recursos com os quais contou ou um dos grandes projetos que estruturou e protagonizou. Na passagem adiante, por exemplo, o momento presente parece ser tempo-espço em que ela coloca a manutenção da vida, contemplando o cuidado dos filhos como algo essencial, em um fluxo bastante vinculado ao seu trabalho:

Eu não tenho conta nenhuma atrasada, entendeu? Pagar minha água, pagar minha luz, comprar roupa pros meus filho, dentro do possível. Que cê viu que minha casa é humilde... Não tenho nada, mas graças a Deus não falta nada pros meus filhos, em termos de bolacha, Danone..., tudo aí eles tem. Não vai ter daquele Danone, o mais caro, claro. Nem sempre dá, né? Mas vai ter. Sempre vai ter, entendeu?

As estruturas familiares e seus ciclos como unidades encompassadoras

Podemos notar a existência de conexões entre os diferentes momentos da trajetória de Sol, a maneira como formulou suas escolhas e suas configurações familiares, dadas ou (re)construídas.

Com a finalidade de evidenciar um tema sobre o qual ela mesma se debruçou, vale dizer que na narrativa abordou um distanciamento afetivo entre ela e sua mãe desde a sua infância. Esse aspecto da relação foi produzido, segundo sua ótica, pelo fato dela não ser "filha legítima" (biológica) do pai que a criou, diferentemente das irmãs. Além disso, Sol sofreu um abuso sexual quando era muito pequena e sua mãe "não percebeu", o que a fez, de certa forma, associar o fato a um desinteresse ou descuido da mãe em relação a ela. Envolta nessa trama de conflitos e emoções, ela contou que se expressava através da rebeldia juvenil:

Então, tipo assim, eu acho que essa saída minha - de eu fugir de casa, de eu me jogar no mundo, de tudo -, eu acho que foi tipo uma punição pra minha mãe também. Porque minha mãe ficou muito louca atrás de mim. Ela ia atrás de mim, ela me procurava e eu fugia três, quatro dias. Não dava nem notícia, entendeu?

Apesar dos prováveis tensionamentos que produzia na relação com a mãe, Sol referiu que a decisão de ir se prostituir na Bahia teve ligação com um desejo de não “envergonhar-se” diante da família (e/ou, talvez, de não envergonhá-los?). Nesse sentido, a mudança para outro estado, associada a um anunciado ímpeto de explorar realidades extrafamiliares, parece um fenômeno desenhado a partir das impossibilidades encontradas na cartografia de sua família de origem.

Depois da saída de casa, já trabalhando na noite, ela construiu e ganhou novas experiências profissionais no comércio sexual, teve contato com substâncias psicoativas, morou em diferentes lugares... Enfim, provou sabores de novidade e liberdade, até que esse cenário se reconfigurou. Na continuidade dos eventos em sua história, conheceu o primeiro marido e essa relação provocou mudanças em variadas esferas de sua vida pública e privada:

Eu conheci ele numa boate em Santana. E eu fazendo show de Laura Pausini, lembro até hoje, com o vestido branco, longo [risada], dublando a Laura Pausini. Ele entrou lá com o tio dele, com uns amigos dele. A gente se conheceu, trocamos telefone..., naquela época eu acho que era bipe, lembra? E aí começamos a sair, desenvolvemos por um bom tempo. Aí eu fui morar com ele em 98 (...) Aí 98, 99, 2000, 2001, [em] 2002 a Renata nasceu. Tive ela em 2002, quase quatro anos já morando com ele. Eu com quase 30. Eu fiquei muito apaixonada por ele, nossa! Eu era louca de paixão!

Na época que eu fiquei com ele eu não trabalhava, não [como prostituta]. Eu trabalhei antes. Aí o tempo que eu fiquei casada com ele, eu não fazia programa, não. Até mesmo porque ele não aceitava, nunca aceitou. Ele também nunca aceitou droga. Na época ele não usava, eu também não, e era assim...

Foi durante essa fase da vida que Sol disse ter experimentado outros tipos de trabalho. Apesar desses movimentos, parece que as novas experiências profissionais tiveram sentido somente no continuum da relação matrimonial, pois se mantiveram apenas enquanto esse vínculo existiu:

Fui trabalhar em casa de família, firma, copeira... Eu sei fazer um monte de coisa. Eu trabalhei em casa de família, sempre gostei de cozinhar, eu tenho esse lado meu de gostar de cozinhar. E graças a Deus, sempre meus patrões gostaram de mim, entendeu? E aí eu vivi com ele até quando deu (...) Aí teve uma época que, quando eu larguei dele, ele foi preso e eu fiquei sozinha com as crianças, aí foi quando eu conheci aquela boate de Jundiaí. Aí, nossa...

Nessa época sua vida passou, novamente, por mudanças no trabalho. Além disso, no contexto da boate de Jundiaí e estando na fase pós-separação, ela vivenciou um intenso período de uso abusivo de drogas. Embora tenha dito sobre uma desorganização subjetiva/existencial, do ponto de vista prático, encontrou formas de trabalhar e manter os filhos sendo cuidados, ainda que por terceiros:

Aí eu ganhava dinheiro, pagava pras pessoas olhar as crianças. Uma coisa também que eu acho que eu sou... Uma mãe também que eu... Ai, como é que eu vou dizer para você? - até me emociono um pouco - Eu deixei meu filho muito abandonado na época. Nessa época das droga, eu pagava pras pessoas olhar. Eles sofreram muito porque eles ficavam jogado. Jogado assim, eles não tinham a mãe pra tá ali do lado pra tá cuidando, porque eu me prostituía [voz embargada e choro]. Eu vinha, pagava, por exemplo, trezentos, quinhentos pau pra pessoa olhar. Aí eu largava eles e voltava pra noite. Eu ia pra lá, ficava dez dias, quinze dias me drogando, ganhando dinheiro... Aí eu vinha, pagava de novo e voltava.

Esse ciclo parece ter durado aproximadamente um ano e meio. Ela, então, foi trabalhar em uma boate em Mogi das Cruzes. Sem detalhar essa transição, Sol selecionou e nos contou um evento que parece ter grande importância em sua trajetória: foi nesse local em que conheceu o

segundo marido. A nova relação, à sua maneira, também provocou rearranjos em seus modos de vida:

Conheci o Guilherme e logo fiquei grávida. Aí vim morar com ele aqui, na casa dos pais dele. Ele alugou uma casa e a gente tava morando de aluguel, depois compramos aqui. No começo, nossa, ele se mostrou para mim a melhor pessoa do mundo. Se mostrou um cara carinhoso, se mostrou um cara maravilhoso, né? Aí depois que eu fui morar com ele, o príncipe virou sapo! Ele muito ciumento, agressor, sofreu violência doméstica. Ele me bateu grávida (...) E eu fui tentando viver com ele, até que eu denunciei ele (...) E aí, voltei pra noite, né? Com ele também tinha parado...

Apesar da relação violenta e do desfecho policial de seu casamento, e embora tivesse pausado (?) a vida na noite, essa época emoldurou uma de suas "conquistas" e projeto antigo: a compra da casa própria. Além da compra, ela esteve à frente de reformas no ambiente, (re)construindo partes da casa de acordo com seus desejos e planejamentos:

Eu tinha trabalhado numa empresa e peguei um pouco de dinheiro. Aí quando eu separei do Fernando, o apartamento que a gente teve junto, ele deu a minha parte. Foi quando eu comprei aqui (...) Aqui era um quarto, não tinha essa porta, esse forro, foi eu que, tudo aqui, esse piso foi eu que troquei. O balcãozinho ali foi eu que fiz (...) Eu sempre quis, na verdade, eu sempre quis uma casa. Sempre, sempre, sempre! E eu gosto daqui. Sempre quis uma família... Eu sempre quis um marido perfeito, que todas as minhas irmãs tiveram. Mas eu... Não foi dessa vez. Talvez na outra encarnação, né? Porque dessa encarnação, a mãe só tem essas coisa fofa [beijando um dos filhos]. É, eu conquistei minha casa!

Ao abordar as problemáticas conjugais, Sol mencionou que prefere, atualmente, se manter solteira. Essa decisão parece impactar suas práticas cotidianas, ou seja, ao se enxergar "livre" ou "independente de homem", ela parece se colocar no mundo de outra forma, como participante de um novo-velho jogo, com regras, estratégias, necessidades, armas e objetivos específicos:

Eu sempre tive esses homens machista, que achava que eu tinha que tá dependente. E depois, sei lá, eu fui amadurecendo. Eu acho que eu fui ganhando força com a vida, sabe? Me tornando mais independente, mandando tomar no cu mesmo. Mandando tomar no cu pra caralho! E aí eu fui deixando de aceitar, fui indo pra luta...

Eu sou cozinheira formada hoje em dia. Eu cozinho de tudo, gato, de tudo. Qualquer coisinha eu chego ali, invento, misturo, eu faço qualquer coisa (...) Aí qual o meu salário dentro hoje de uma casa de família? É de 1300 a 1500 reais, com os desconto. Que maravilha, né? E tudo que hoje em dia tem de gastos, eu não vou viver com isso. Não dá, não dá, não dá! Igual, a minha filha agora vai tá fazendo o pré-vestibular. Logo, logo ela vai fazer. Aí começou a faculdade, vai dar? Num pode, num dá, nego (...) porque eu sou sozinha. É roupa, é sapato, é água, é luz, é médico... É tudo, então não dá. Possa ser que dá pruma mulher que tem lá seu companheiro. Dá pra essa mulher, até dá, mas pra mim não. Eu quero ter minha filha formada, eu acho que vai ser muito bom. Eu acho que vai ser o ápice pra mim! Eu vou ficar muito feliz em saber que eu consegui formar minha filha. Apesar de tudo que eu passei, de toda dificuldade, falar "porra, formei minha filha".

É possível enxergarmos que os cuidados e as aspirações em relação aos filhos parecem eixos condutores de muitas das ações que protagonizou. A opção de sustentá-los sozinha parece alicerçada por aquilo que ela aprendeu a fazer em mais de 20 anos "na vida". Além disso, seu trabalho se mostra fonte de recursos para os planejamentos que envolvem os caminhos da filha no estudo. Alinhado a esses movimentos, Sol falou sobre novos processos de organização e, por que não dizer, resignificação do dinheiro ganho e gasto, em função do bem-estar do núcleo familiar:

E assim, até hoje, cê vê... Eu sou uma mulher de 47 anos, ontem ganhei 300 reais! Claro que não é todo dia. Mas a noite ela é sedutora, e aí você pensa assim. Essa parte do dinheiro é uma coisa que hoje eu vejo de maneira diferente do que eu via há vinte anos atrás. Hoje eu sei onde eu coloco o meu dinheiro. Porque hoje eu tenho meus filhos, eu tenho responsabilidade. Eu tenho uma filha que graças a Deus tá se formando e vai prestar vestibular. Então hoje

eu sei... Naquela época, tipo assim, "ganhei trezentos", então eu ia, comprava um vestido de duzentos. Pensava "amanhã eu vou ter de novo".

Torna-se importante reconhecer que o trabalho sexual aparece como possibilidade potente desde que, a partir dele, Sol consegue ganhar mais dinheiro do que com "outros tipos de trabalho" disponíveis ou conhecidos por ela. Embora isso, é preciso sublinhar que a motivação econômica não pode ser entendida como dimensão única em sua vida e escolhas, ou seja, suas razões não parecem caber apenas no argumento de necessidades puramente subsistenciais. Seus relatos acrescentam ao horizonte do debate importantes motivações afetivas e possibilidades de conquistas, concretas e simbólicas. Exemplo atual disso é a intenção de ver a filha formada na universidade.

Outro processo que perpassou muitos de seus caminhos foram os aprendizados no manejo do uso de drogas (e seus prejuízos), em uma constante associação com as relações familiares, em especial com o desempenho do papel materno:

Como eu vou dizer pra você? Eu aprendi também muito com os meus filhos! Se hoje eu não tô mais aquela vida louca, tipo assim, de ir lá no terminal de carga, pegar um caminhoneiro, ir lá pro Paraná fazer vida... E usar drogas... E fazer essas coisas, é pelos meus filho! Então eles dão esse, querendo ou não, mesmo que eu seja essa louca que eu fui, eu tenho equilíbrio emocional com eles. Eles me dão esse equilíbrio, esse respaldo pra mim num... Num me entregar a essa loucura. Pra mim não me entregar, entendeu? Talvez se eu não tivesse eles, talvez eu taria aí, fazendo vida pra me drogar. Como tem muita menina que taí, tem menina que ela só trabalha pra usar droga, entendeu?

A maternidade foi colocada com grande relevância em sua narrativa e trajetória. Embora, segundo seus discursos, as gravidezes não tenham sido planejadas, e apesar de identificar importantes desafios que envolvem ser mãe, a presença dos filhos em sua vida é dimensão dotada de significados e mote para muitas de suas ações:

Então eu agradeço muito a Deus por eu ter os meus filhos. Eu não me arrependo de nenhum. Tem gente que fala "ai, quantos filhos você tem?", eu falo "cinco". A pessoa fala "ai, você é corajosa". Outros falam "ai, você é louca". Eu falo "por quê?". E não me arrependo não, meus filhos são tudo pra mim. Não me arrependo. Se tem uma coisa que eu não me arrependo é de ter sido mãe.

Em direção à finalização deste tópico, é possível entender que as configurações familiares de Sol parecem ser unidades encompassadoras de suas movimentações no mundo. E isso não significa desconsiderar suas transições entre momentos nos quais viveu "na loucura" e outros em um modelo de família mais próximo ao considerado tradicional em nossa sociedade.

4.2 A história de Nicole

Conheci Nicole na Casa das Damas, em uma calorosa tarde de terça-feira. No dia havia muitas mulheres em expediente, mas poucos clientes no privê. As trabalhadoras estavam reunidas no ambiente principal e Nicole destacava-se entre elas, pois, ao tomar a palavra, se expressava de forma cômica/teatral e fazia as outras rirem. Compondo sua força cênica, vestia uma roupa marcante: blusa decotada, calcinha, meia arrastão e salto alto – sendo as peças combinadas nas cores preta e vermelha.

Ao me verem chegando, as mulheres que já me conheciam avisaram às demais que eu era um estudante - e não um cliente - e elas pareceram manter sua dinâmica de interação. Esperei até que houvesse uma brecha para colocar a proposta de pesquisa em curso como pauta da conversação coletiva. Nessa oportunidade, uma delas, “prima de consideração” de Nicole, começou a instigá-la, dizendo: “vai lá, conversa com o menino... Aproveita que você é desinibida e ajuda ele”. E foi a partir desse estímulo, diante das amigas, colegas e primas, que Nicole se dispôs a ser uma colaboradora do estudo. Pareceu orgulhosa em ser vista como uma mulher desinibida.

Em tom de brincadeira, mas com informações sérias, me alertou que aceitaria gravar uma entrevista desde que o seu marido não soubesse: “ele não pode nem imaginar aonde eu tô!”. Naquele momento entendi que ela vive uma espécie de vida dupla, dividindo-se entre os papéis de esposa e garota de programa e aproveitando “a parte boa de cada coisa”, conforme argumentou. Ao explicar sobre sua condição, disse que essa fragmentação de papéis envolve riscos e contou que já encontrou com um vizinho seu dentro do privê. Na ocasião, “deu sorte” dele ser um homem casado e pôde negociar: “você não viu nada, heim?! Ou então sua mulher também vai saber que você estava aqui!”.

Considerando-se a importância do sigilo em jogo, para falar sobre sua trajetória Nicole elegeu que o lugar mais seguro seria um dos quartos da Casa das Damas, afinal, naquele privê "todos já sabem da sua vida". Apesar da postura segura que assumiu inicialmente, antes de efetivamente subirmos ao quarto ela pareceu tensa, reflexiva, e pediu para beber uma cerveja. Minutos mais tarde, já no local da gravação e com outra cerveja em mãos, começou a narrativa rememorando dificuldades na relação com os pais e no contexto de sua primeira gravidez, ainda na adolescência. Lembro-me que essa cena me permitiu conhecer a imagem de uma Nicole triste, o que não é habitual de se ver (pelo menos no privê).

Na sequência da entrevista, de modo geral, deu muitas risadas - parecendo mais confortável com essa versão de si mesma. Seu riso era contagiante e ela demonstrava perceber graça em muitas de suas escolhas, percursos, e até mesmo em alguns problemas que enfrentou. Parte da atmosfera divertida era composta por sons (barulhos e falas) que vinham dos quartos adjacentes, onde programas estavam sendo realizados. Nicole gargalhava! - e eu também.

Após a gravação, disse estar curiosa pelo resultado da entrevista. Trocamos mensagens telefônicas nos dias seguintes e ela demonstrava-se ansiosa pela versão escrita de sua história. Semanas depois, fizemos a leitura conjunta e validação do material transcrito, novamente em um dos quartos do privê. Nicole reagia às passagens recontadas com variados gestos corporais, expressões linguísticas e faciais, além de risadas (é claro!). Ao final, disse que achou uma "loucura", que estava "impactada" e trouxe a seguinte reflexão: "nós nunca paramos para ouvir nossas histórias, né? (...) O que eu tiro da minha é que eu sou uma mulher batalhadora!". Em seguida perguntou com entusiasmo: "quando será publicada?!".

Percebi o quanto ela havia gostado do processo de contar e ouvir a própria história quando se dispôs, com generosidade, a me ajudar na

busca por outras mulheres que poderiam participar do estudo. Em poucos dias, após dividir sua experiência com as amigas, me indicou uma pessoa que também colaborou com este trabalho. Do encontro com Nicole levei risadas e gratidão, além de reflexões feitas sobre seus relatos e as travessias que protagonizou. Parte dessas reflexões estão organizadas nos tópicos a seguir, nomeados: "o melhor de dois mundos: casamento e prostituição"; e "as possibilidades e os movimentos de (re)construir e prover".

O melhor de dois mundos: casamento e prostituição

Nicole casou-se duas vezes. Na segunda oportunidade, "de papel passado e tudo". Escolheu ser garota de programa também duas vezes, na juventude e na fase adulta/atual, com diferentes motivações em jogo em cada um dos momentos. Em suas travessias, parece que aprendeu a extrair o que cada uma dessas experiências, casamento e prostituição, pôde e pode lhe oferecer.

Ao recontar sobre a juventude, ela nos falou de muitas adversidades. Exemplo importante foi quando engravidou, sem planejar, aos 15 anos de idade e a partir desse evento foi expulsa de casa. Além de sofrer com a desaprovação e retaliação, sobretudo paterna, não teve o apoio do pai biológico de sua filha. A condição de estar fora do enquadramento familiar favoreceu outras vivências de marginalização, como a falta de moradia fixa, a interrupção dos estudos e o uso intenso de álcool e outras drogas, durante alguns meses:

Uma época os meus pais queriam até me internar, achando que eu tava, nossa, louca, "drogadona" - mas não era. Eu falei: vocês que me colocou também, querendo ou não, nessa situação. Vocês que deu uma empurrada. No dia que eu mais precisei, vocês não me apoiou. Me colocou logo no olho da rua! Meio que me chutou mesmo. Me chutou mesmo, me bateu, com o sapato na cara..., lembro como

se fosse hoje. Me deixou no meio da rua, com a roupa do corpo. Queria que eu fizesse o quê? Falasse "ai, vou pra escola, tchau"? Não dá, né? Fala a verdade! [risada] Foi aí que fui desandando.

Sua situação - econômica, familiar e existencial - melhorou quando, ainda durante a gravidez, encontrou um companheiro. Nicole foi morar com ele e ficaram juntos por 3 anos. Ela mencionou que um aspecto importante da relação foi a disponibilidade dele em compartilhar os cuidados da filha que esperava. Embora a relação conjugal, que lhe conferia certa posição mais ajustada socialmente na concepção dos pais, tenha terminado, quando se separaram Nicole foi aceita novamente na casa da família de origem.

Mesmo sob certo amparo familiar, ela assumiu que precisaria encontrar uma forma de sobreviver, de "se virar". Vale dizer que antes da gravidez Nicole costumava ser parcialmente responsável pela vida financeira da família. Para alcançar o objetivo de ter uma fonte de renda, enxergou uma possibilidade interessante no convite feito por duas mulheres que havia conhecido enquanto estava casada:

Então foi que eu voltei pra casa dos meus pais de novo. Até então tava difícil emprego. Aí essas menina me chamou, se abriram comigo, falaram: "eu não trabalho em lanchonete". "Vocês trabalham com o que então, mulher?". Ela falou: "somos garota de programa". Falei: "ai, mentira!" [risadas]. Ela falou: "é verdade. Você quer conhecer?". Eu fiquei meia cabreira, assim, porque ai, não sei... Mas aí peguei e falei: "vamos, né?". Eu não sabia nem o nome verdadeiro delas. Quando chegou lá, fui na Augusta. Primeira vez na minha vida (...) Eu tinha meus 18 anos e era bem magrinha. Nossa, uma noite eu tinha feito dois mil reais! Menino, eu fiquei besta quando eu vi aquilo. Eu falei: "não acredito!".

É com entusiasmo que Nicole destacou o caráter substancial do dinheiro que passou a receber. Ela, então, deixou sua filha na casa dos pais e escolheu aproveitar os ganhos que a noite permitia. Longe da família, trabalhando e morando em uma boate na Rua Augusta,

permaneceu por um ano. Esse ciclo se encerrou quando, a partir de uma infecção odontológica, precisou ser internada. Após "achar que morreria", repensou o afastamento familiar e os prejuízos que o contexto da prostituição trazia, inclusive para sua saúde - associados, em especial, ao uso de substâncias e ao ritmo intenso de trabalho. Decidiu "mudar de vida": voltou para casa e, espelhando-se na irmã, tornou-se atendente em uma rede de *fast food*. Foi nessa época que conheceu o atual marido.

Conta que em princípio não estava interessada em construir um relacionamento amoroso. O pretendente, por sua vez, fez diversas investidas por sua atenção e apreço. Na narrativa, Nicole não descreveu uma conexão guiada pela paixão, mas sim uma aceitação gradativa do relacionamento, bastante orientada por racionalizações e envolvendo, principalmente, as possibilidades de manter-se cuidando da própria filha. Nesse sentido, é válido dizer que a realidade do seu futuro marido, 40 anos mais velho que ela, era de um homem aposentado, com os filhos já criados e que conseguia sustentar uma casa:

(...) eu fui vendo o jeito que ele foi tratando minha filha. Isso foi o principal do negócio, porque se não aceita minha filha, não ia me aceitar. E ele parecia até mais ser pai do que eu mãe (...) Então acabei me amigando.

Fiquei um ano amigada com ele, ai teve um dia - ainda bem que eu tava deitada já, se não ia cair no chão - quando ele falou assim: "é... Quer casar comigo?" [risada] (...) Casei aqui no cartório de Guaianases. Ele já tinha preparado tudo, comprado tudo. Deu dinheiro pra comprar o vestidinho branco e tal. Aí foi depois que nós planejamos ter a minha filhinha que tem sete anos.

Nicole contou ao marido sobre sua primeira experiência na prostituição, porém juntos negociaram que essa dimensão de sua vida precisaria ficar no passado:

(...) a primeira coisa quando eu comecei a me envolver com ele, já fui logo real. Falei: "já fui assim e tal". Falei mesmo.

Porque você sabe que a boca do povo é uma desgraça, né? Já fui eu mesma que abri minha boca, falei: "ó, já fui garota de programa, mas não sou mais". Aí ele falou: "não, eu te aceito como você é... Mas você não tá mais, né?". Aí eu falei: "então beleza".

Faz oito anos que Nicole tomou esse rumo, o casamento. Descreveu o marido essencialmente como um "bom pai". Inclusive, teve outra filha como ele, fruto de uma gravidez planejada. Abordou, em tom seguro e agradecido, a diferença que o companheirismo do esposo fez desde o processo gestacional até o nascimento e criação da filha que têm juntos. Embora o matrimônio seja mencionado como um bom acontecimento, ligado ao alcance de certa estabilidade, em especial para viver a maternidade, disse que com o tempo foi se tornando insatisfeita com alguns aspectos da relação.

Em um movimento simultâneo às suas queixas sobre o casamento, descreveu as amigas "da vida" como referências de apoio e confiança e o ambiente de trabalho como o lugar que lhe possibilita divertir-se e realizar trocas afetivas por identidade. É onde "conseguem entendê-la":

No começo com ele eu tinha saído da prostituição faz tempo. Voltei agora porque, depois de tantos anos, virou uma rotina (...) Vai desgastando, né? Então eu falei: "quer saber? Eu vou mesmo, vou lá pra ver como que tá a situação, vou lá pra ver como que tá de novo" (...) No começo eu falei: "ai, não quero voltar mais nessa vida". Mas olha, parece que a coisa me chama, sabe? [risada] Aí decidi vir pra ver. Eu vim pra cá e fiquei. Tô uns quatro meses aqui.

Eu sou feliz com ele, mas né? Tem tipo os maus e os bons momentos. Atualmente não tá muito bom também [risada], por isso que eu voltei para cá [Casa das Damas], porque tipo... Como eu posso dizer?... A palavra certa é: falta de carinho, de atenção, de uma conversa. E eu sinto isso aqui! Aqui é legal por causa disso: porque aqui tem mais atenção, conversam para caramba, as pessoas me entende mais. Ele lá não... Fica meio que duas pessoas num lugar, mas parece que não tem ninguém. E que nem, eu gosto de falar muito, eu gosto de conversar, e ele já não. Ele gosta é de cobrar muito..., gosta de prender muito. Meu

marido tem sessenta e nove anos também, você queria o que, né? [risada]

Além das conversas e atenção que recebe, uma vez disse que estar no privê lhe propicia momentos de descontração, o uso de bebidas e sexo com outros homens, frequentemente mais jovens que seu marido e muitas vezes atraentes. Assim, ela concilia as vivências de esposa e trabalhadora sexual, mantendo as vantagens de ter uma família e acessando os prazeres que “a noite” - no seu caso, o dia - pode oferecer. Considerando-se as contratualizações que fez com o marido, ela assumiu uma escolha transgressora. No seu caso a prostituição é um segredo e, mais do que isso, representa um perigo:

Como eu falei, eu já trabalhei com bijuteria (...) É por isso que deu pra mim dar essa jogada, entendeu? Então ele pensa que eu tô fazendo “biju”.

Meu marido não sabe que eu tô aqui. Também se ele imaginar que eu tô aqui, é um tiro na minha cara, né?

Ainda assim, Nicole decidiu trabalhar em um bairro próximo à sua casa. Atualmente, arrisca-se a viver uma tragédia na relação com o esposo. Na relação com os pais, já viveu uma tragédia, desde que nomeia a expulsão de casa como a pior coisa que lhe aconteceu. Nesse cenário de tragédias, realizadas e potenciais, é interessante notar que a prostituição em si não parece carregar esse peso. Ao invés disso, em suas memórias e perspectivas, o trabalho sexual foi apresentado como opção (quase inevitável?) diante a precariedade de outras fontes de sobrevivência física, emocional ou relacional. É com naturalidade, inclusive, que ela disse das partes ruins, como os homens desagradáveis ou a competição entre as colegas.

Nicole ocupa um lugar híbrido, na fronteira entre o casamento e a prostituição. Apontou ambivalências vividas, mas mostra-se consciente nesse caminho. A condução da vida diária sob essa organização, bem

arquitetada e refletida, remonta à ideia de um projeto de vida (familiar, econômico, sexual e relacional) em curso:

Quando eu conheci esse meu marido, ele que me levantou. Ele eu posso falar, agradecer a Deus, porque um homem que nem ele, eu num vou encontrar mais não, viu? No começo não era um plano meu casar. Mas quando eu conheci ele melhor, ele se mostrou uma boa pessoa. Ele me levantou bem. Não me arrependo de ter casado com ele. Acho que se eu não tivesse conhecido ele, vou ser bem sincera, acho que eu não tava nem viva (...) Se eu tô doente, tá ali comigo. Se tiver de cama, ele me ajuda. Não me abandona, sabe? Uma pessoa assim..., que tá com você!

Eu penso em ficar aqui até esse ano só. Porque eu também já tô me injuriando. Também, tipo..., Deus me livre, dá não. Já tenho marido em casa. Pra que eu vou ficar caçando aqui? Só vim mesmo porque eu gosto de beber. Eu gosto de tomar uma com as amigas, conversar, ficar conversando... Esses negócio, entendeu?

Também não me arrependo do que eu fiz, viu? Essa parte assim, não. Porque foi uma experiência, entendeu? Tanto é que eu voltei a me prostituir. Só que hoje eu sou casada.

Engraçado que ele bêbado me chamava daquelas coisas: "vagabunda, não sei o quê"... Hoje nem chama mais. Quando eu não tava fazendo nada de errado ele chamava. Agora que eu faço, não chama [risada]. É um barato! É cada uma...

As possibilidades e os movimentos de (re)construir e prover

Nicole deixou de realizar importantes projetos pessoais - como diz, perdeu as oportunidades. Embora lamente pelo que passou, colocou no horizonte de suas aspirações a intenção de (re)construir "uma vida melhor". Para isso, disse enxergar em si mesma qualidades que contam em seu favor, como: iniciativa, facilidade para aprender e coragem para fazer coisas que para muitos são vistas como constrangedoras.

Mencionou que foi ainda na infância quando descobriu que tinha habilidades para lidar com situações difíceis e desafiadoras:

(...) de certa forma eu tive que ser o homem da casa desde cedo. Eu comecei desde cedo a pegar e fazer colar, fazia coxinha pra vender, sorvetinho... Eu me virava. Até porque as minha irmã queria nada com nada também. A minha irmã mais velha também se perdeu, fez filho e foi-se embora. Aí ficou só eu e minha irmã mais nova. Ela tem um ano de diferença de mim, mas o problema é que ela tinha vergonha pra tudo – “ai, tenho vergonha”. Então eu tive que ser linha de frente. Quando meu pai ficou internado, ficou um ano todinho sem sair do hospital, quem ficou sendo um homem de casa fui eu. Deixei da minha infância pra cuidar da minha mãe. Querendo ou não, minha mãe não sabe ler, nem escrever, não sabe pegar um ônibus. Então tudo que tinha que fazer era eu: pagar conta, ir receber pro meu pai, administrar o dinheiro..., pra não ficar devendo, né? Essas coisas.

Ela costumava ocupar um lugar de valor na família, até que sua gravidez, inesperada e precoce, se interpôs. A partir desse acontecimento, sofreu importantes rupturas e redirecionamentos no caminho que trilhava. Sem apoio familiar, foi construindo vivências pela via do desregramento e apontou que a continuidade dos estudos foi um dos grandes projetos interrompidos:

Quando eu paro pra pensar na minha vida, o que eu deixei de fazer foi estudar. Eu me arrependo de ter parado, porque que nem, eu parei no primeiro colegial, né? Foi quando eu engravidei. E não voltei mais (...) Foi muita coisa, desgosto..., a gravidez atrapalhou muito minha vida. É que eu não tive apoio também, então não dava pra mim fazer essas coisas. Mas se fosse pra escolher, assim, eu queria ser veterinária, que eu gosto muito de bichinho (...) se fosse pra mim, tipo, aplicar injeção, ia ser legal. Que eu já sou muito curiosa, né? Eu vou aprendendo as coisas, dou remédio..., aí eu gostaria de ser veterinária. Mas não deu pra mim terminar.

A imaginação de resgatar um percurso nos estudos parece se ligar a uma chance de recuperação do passado. Compondo essa perspectiva,

Nicole tomou a irmã como referência positiva de alguém que está conquistando as coisas dela e pareceu atribuir ao estudo essa possibilidade:

Porque querendo ou não, eu tenho uma irmã mais nova e ela... Ela não tem filhos. E eu vejo, assim, ela conquistando as coisas dela. Então eu penso que era pra mim tá nesse mesmo ritmo. Vamos dizer? Eu vacilei mesmo! Eu peguei e perdi todas essas oportunidades, ainda mais com duas filhas agora. Então pra mim eu acho mais difícil. Na verdade, os meus planos sempre saíram diferente do que eu imaginava. Eu mesmo não queria nem ter filhos e nem casar tão cedo. Mas foi acontecendo..., tudo tão rápido. Que nem, o meu sonho mesmo, que eu queria que eu tivesse conquistado, era ter estudado, conquistado uma casa, um carro. Essas coisas assim, sabe? Com meu suor. Mas não..., ainda não, entendeu? Ainda não conquistei o que eu quis.

Em muitos momentos, sua narrativa convergiu para a ideia de um futuro a se realizar. Ela pareceu ter o desejo de se reconhecer (e ser reconhecida) como alguém que "pode mais", diferentemente de alguém que apenas espera "ter mais". Exemplo disso é quando falou sobre a moradia: não é somente uma casa que lhe falta, mas sim uma casa que ela mesma tenha conquistado. Dito de outra forma, Nicole tem anseios que se ligam a uma imagem positiva de "construir por si mesma". Ainda nessa direção, demonstrou-se orgulhosa por conseguir, a partir do seu trabalho, custear coisas para as filhas e para si:

Eu acabo gastando o dinheiro que eu ganho com as minhas filha. Tudo pra minhas filha! Elas pedem uma coisa, amanhã eu vou lá e compro. Porque é a melhor coisa ver a cara das suas filhas feliz, sabe? Eu acho. E eu não pensava isso antes, mas hoje eu penso. Quando minhas filhinha fala: "mamãe chegou!" - nossa... Já imaginam que eu trouxe um monte de coisa! Aí eu compro lá uma bonequinha, uma roupinha... A cara da criança feliz é a melhor coisa pra mim hoje. Até porque eu tô dando as coisas que eu não tive. Eu posso dar pra elas hoje - e outra, sem pedir nada pro marido, né? Também se eu quiser tomar uma cerveja, vou lá e compro.

O papel de provedora lhe parece confortável, gratificante. Ela expressou prazer em ser uma pessoa que “tem para dar” e que conquista - em contraste, talvez, às experiências passadas, quando enfrentou muitas privações e a forte dependência de outros atores. Em consonância com esse cenário, fez a leitura de que na prostituição oferece algo que lhe pertence:

Ficar se humilhando pra parente é a pior coisa. Então cê vai vender o que tem. Porque roubar nós não tem capacidade, não tem essa moral..., nem essa cara. Porque eu também não quero ir para cadeia. Então eu vender uma coisa que é minha já não dá tanto problema, não é verdade? [risada]

Em certa medida, é como se a prostituição lhe permitisse estar no lugar de "dona do seu negócio", trazendo um significado forte na realização pessoal. Ainda que reconheça problemas no trabalho sexual, Nicole percebe potências nessa opção e fez um claro contraponto a outros tipos de trabalho nos quais percebia-se explorada:

Eu escolhi trabalhar aqui [na Casa das Damas] porque dá mais dinheiro, né, homem?! [risada] Querendo ou não, cada sacola, quando eu fazia, era quinze, vinte centavos. Pensa! Brinco, assim, que nós fazia..., as pulseira, eles vende por cinco reais, mas pagava só vinte centavos pra gente. Aí não dá, né?

De diferentes formas, essa jovem mulher parece manter um foco em ser (mais) potente. Além de sonhar com uma vida melhor, Nicole otimiza os recursos que tem e tensiona, cotidianamente, a ideia de papéis estáticos ou lugares demarcados. Se em momentos passados esteve frágil e bastante vulnerável, atualmente se reconhece como uma mulher “batalhadora”, talvez mais fortalecida para se arriscar e protagonizar novas experiências.

4.3 A história de Rafaela

Meu contato com Rafaela aconteceu de modo diferente ao habitual durante o trabalho de/em campo, pois foi ela quem me procurou. Ao telefone, se apresentou como amiga de Nicole e disse que também tinha interesse em ser entrevistada. Tratou de confirmar se poderia, de fato, "falar qualquer coisa" que quisesse, dizer "tudo mesmo", e aceitou agendarmos um encontro na Casa das Damas.

No dia em que nos conhecemos pessoalmente, chamou minha atenção a postura formal que Rafaela assumiu. Não houve brincadeiras ou risadas, como nas primeiras interações que tive com Sol e Nicole. Minha impressão foi de que sua postura refletia a seriedade de sua pauta: ela referiu estar profundamente insatisfeita com a própria condição de vida, dando ênfase à dimensão do trabalho sexual. Nesse sentido, afirmou estar "cansada de tudo", emagrecida, e sinalizou que queria participar do estudo para "alertar outras mulheres" sobre os males que atribui ao mundo da prostituição.

Em relação às outras trabalhadoras, Rafaela estava discretamente maquiada e usando roupas pouco chamativas: calça jeans, chinelos e blusa simples. Mencionou que não estava em expediente naquela tarde e, na sequência da conversa, contou que há alguns meses estava morando na Casa das Damas! Segundo disse, enfrentava uma fase difícil e foi a noite que lhe "tirou tudo": casa, marido e filhos. Paradoxalmente, argumentou que a noite, ou seja, o privê, estava sendo seu abrigo e apoio, até que pudesse, em suas palavras, se reerguer. Rafaela explicou que vivendo na Casa das Damas conseguia guardar dinheiro e diminuir o uso de drogas, que era censurado pelo dono do lugar. Nas três casas de prostituição que frequentei mais vezes, Rafaela foi a única mulher que conheci ou da qual ouvi falar que estava nessa condição, morando no local de trabalho, como uma possibilidade de acolhimento.

Após nosso diálogo inicial, subimos até um dos quartos da Casa das Damas, com a finalidade de registrarmos sua história de vida. Com um olhar triste, ela recontou passagens densas e cheias de rupturas. De forma eloquente, pareceu organizar sua narrativa, quase sempre, em situações e ciclos associados às esferas trabalho, relacionamento amoroso e gravidez. Em comum, essas travessias tiveram como desfecho muitas decepções. Pude notar que ela pouco falou sobre amizades, diversão e prazeres durante seus 36 anos de existência...

Semanas depois da gravação da entrevista e com a versão transcrita de sua história, contatei Rafaela para marcarmos um novo encontro. Tivemos dificuldades em combinar o local e a data, pois ela não me dava certeza de que estaria na Casa das Damas. Dias depois, me explicou porquê sua presença no privê oscilava tanto: ela estava vivendo um processo de mudança para uma casa que havia alugado! Na mesma ocasião em que me informou sobre a novidade, me convidou para conhecer sua nova moradia. Percebi sua alegria em compartilhar aquela conquista.

A casa recém-alugada por Rafaela é pequena - "quarto e cozinha", conforme ela disse -, localizada em uma comunidade de Guaianases. Divide terreno com outras casas e conta com uma varanda coletiva, onde colocamos duas cadeiras, sentamos, conversamos e bebemos café. Ela mencionou estar muito contente com seu novo "passo". Aproveitei o clima agradável da conversa e comentei que havia notado seu aumento de peso e aspecto revigorado. Rafaela nomeou que aquela é sua aparência "saudável", "normal". Foi interessante vê-la de um modo diferente, talvez mais feliz.

Sentados juntos na varanda, entre papos e risadas (dessa vez pude perceber seu senso de humor), decidimos ler o material de sua entrevista. Ela própria fez a leitura. Narrou em voz alta os percursos que protagonizou... Ao mesmo tempo, caía uma forte chuva, que parecia se combinar às suas lágrimas. Ao final da leitura, estava emocionada e

concluiu: "parece que eu tava lendo a história de um livro... Deu até vontade de continuar lendo (ou seria escrevendo? - reflexão minha) os próximos capítulos!". A seguir, estão expressos alguns trechos da entrevista de Rafaela, divididos nos eixos temáticos: "vínculos rompidos, repetições e recomeços: ser filha, ser mãe..."; e "os planos de deixar a prostituição".

Vínculos rompidos, repetições e recomeços: ser filha, ser mãe...

Rafaela começou sua narrativa demarcando que, entre a infância e adolescência, teve duas mães... Enquanto a "mãe biológica" trabalhava na cozinha de hospitais e passava longos períodos fora de casa, ela era cuidada pela "mãe de criação". Segundo disse, com a mãe biológica "nunca se deu bem".

Ela própria, Rafaela, tornou-se mãe pela primeira vez aos 14 anos de idade. Apesar da gravidez precoce e da aparente perda de contato com o pai de sua filha, não aprofundou relatos sobre essas experiências. O que fez questão de sublinhar, em relação à juventude, é que sua vida "virou" quando teve que lidar com o falecimento do pai. Em suas lembranças, esse evento foi crucial para que fizesse uma recusa ativa da vida junto à mãe biológica. Aos 16 anos de idade, decidiu sair de casa e escolheu deixar sua primogênita sob os cuidados da avó:

O que me fez tomar esse caminho foi que minha mãe biológica me acusava de várias coisas que eu não fazia. Porque eu andava no meio das pessoas erradas, ela acusava. Tipo, eu chegava em casa, ela falava assim: "você usou drogas" - e eu não tinha usado. Eu conhecia, tinha contato com as pessoas, mas eu não usava. Eu só andava no meio. E aquilo ia me irritando... E também ela dava opinião de como eu deveria criar a minha filha. Porque eu era uma criança e tendo outra, né? Então tudo ela se metia, em como eu deveria fazer. Aquilo foi me prendendo, me sufocando, até que eu falei: "tô saindo" (...) Saí e falei pra ela que eu não voltava mais.

A atitude de sair de casa parece ter inaugurado uma trajetória de vida marcada por diferentes relações e rompimentos maternos. Ademais, em suas palavras, foi a primeira vez que “saiu sem rumo”. E foi nessa época, também, quando conheceu a noite, isso é, a prostituição, por intermédio de uma amiga. Na composição desse novo ciclo, foi acolhida pela mãe de criação, com quem passou a morar:

Foi nessa época que eu saí de casa, aos dezesseis, que eu fui enfrentar o mundo, quando minha mãe de criação pegou e falou: “vem pra cá, fica aqui”. Então eu comecei a morar com ela (...) Antigamente ela e minha mãe biológica eram amigas, mas devido eu ir morar lá, as duas acabaram brigando. Hoje não se falam mais... Mas assim, a minha mãe de criação eu digo que é a minha mãe mesmo, né? (...) Ela sabe desde o começo o que eu faço. Nunca me apoiou, mas também nunca me criticou. E é ela que saía de madrugada pra ir nos lugares atrás de mim (...) Ela que brigou por mim, sabe?

Ela contou que viveu intensamente experiências que o trabalho sexual proporcionava. Conforme disse, “se jogou”: ganhou muito dinheiro, passou por diferentes casas de prostituição, conheceu artistas, envolveu-se com drogas... Um aparente frenesi que foi interrompido por um acontecimento relacionado à idade que tinha:

E nessa acabei me envolvendo com um segurança de uma casa que descobriu que eu era menor de idade. Como o dono de lá gostava muito de mim, ele me tirou de lá, porque o rapaz ficou de denunciar o lugar. Essa primeira casa ficava em uma região movimentada na zona sul (...) Devido o que aconteceu, o dono me levou pra outra casa na zona leste, do outro lado da cidade.

Rafaela adaptou-se à nova região de São Paulo e, passado algum tempo, envolveu-se amorosamente com o *barman* de uma boate em que trabalhava. Nessa relação, engravidou de sua segunda filha. Realizou, então, mais uma mudança de contexto: optou por não manter o vínculo com o *barman* e retornou à convivência com a mãe de criação:

Foi aí que eu tive a Raissa. Hoje ela vai tá com uns dezesseis anos, já... Engravidei dela e voltei a morar pros lados da zona sul, com a minha mãe de criação. Eu acabei me afastando do pai dela por opção minha. Acabei me afastando porque descobri que ele era casado. Deixei aquilo tudo pra trás e voltei a morar e trabalhar na zona sul.

Em sua narrativa, recomeçou a trabalhar na prostituição na zona sul e protagonizou uma fase em que, além de uso de drogas, foi acusada de participar da sua comercialização. Como consequência, foi denunciada e precisou se refugiar brevemente em Recife, Pernambuco, na casa de uma madrastra. Um mês depois desse evento retornou para São Paulo e, a partir de ações aparentemente pouco refletidas, viveu um relacionamento bastante efêmero, que teve como fruto uma nova gravidez:

Um namoro de um mês e eu acabei engravidando. Aí também não tive mais contato com ele. Eu sumi, ele sumiu... E eu trabalhava [como garota de programa] (...) Trabalhei a minha gravidez toda no salão como garota. Na verdade uns dois meses antes de ter a minha filha o dono do salão me tirou de lá, que eu já não tava mais aguentando. Depois que tive a minha filha, fiquei quinze dias só de resguardo. Tive que voltar a trabalhar.

Naquele período, havia se afastado da mãe de criação. E ao falar sobre essa passagem, introduziu uma nova personagem em sua história: Francisca. Tratou-se de alguém que ela também considerou como uma mãe e que a ajudou quando estava diante variadas demandas e incertezas:

Foi aí que eu conheci uma mulher... Essa mulher me ajudou bastante. Falou pra mim: "Rafaela, pega suas coisas, vende, vem pra cá que eu tomo conta das crianças". Aí eu ganhei minha filha e fiquei na casa dela um bom tempo. Eu também chamava ela de mãe. Ela cuidava da Raissa e da Stephanie. O nome dessa mulher é Francisca.

E nisso a minha mãe de criação não sabia por onde que eu tava. Porque eu me afastei de tudo e de todo mundo. Ela me procurava e eu não dava notícia. Sei lá, foi uma opção porque eu quis me afastar de tudo que era o meu passado. Eu acho que tudo que tinha acontecido, as coisas ruins que tinham acontecido, eu achei que... Fugindo eu ia me livrar daquilo tudo! E não foi bem isso, né?

Rafaela morou com Francisca e, em paralelo aos expedientes como prostituta, experienciou outro trabalho, na cozinha de um hospital! – emprego semelhante ao de sua mãe biológica. Foi nesse emprego que conheceu o manobrista Jorge, com quem iniciou um novo relacionamento amoroso e, mais adiante, resolveu ir morar. Francisca, porém, se opôs a essa decisão, no sentido de não aprovar que Raissa e Stepanhie fossem embora de sua casa:

Aí ela me convenceu, falou: “monta a tua casa primeiro, depois tu leva as meninas”. E era tipo um bairro próximo do outro, né? Aí foi isso que eu fiz. Só que ela acabou sumindo com as minhas filhas. Um belo dia eu cheguei lá pra buscar as meninas e ela não tava. Ela tinha ido embora e eu não sabia pra onde, nem porquê. Fui, procurei, dei parte na polícia... Me indicaram pra ir no fórum. Fui no fórum, abri processo... E, passado uns anos, quando as meninas tavam mais ou menos com oito anos, foi quando a justiça encontrou onde elas estavam! [no Paraná]

Fizeram aquele processo de readaptação, pra ver como que as crianças lidavam, né? Elas gostavam de mim, sabiam que eu era a genitora, mas chamavam a Francisca de mãe. (...) Foi uma batalha longa na justiça.

Após o enfraquecimento dos laços entre ela e as filhas, Rafaela tentou, de certa forma, conciliar-se com Francisca e recuperar o afeto das meninas. No entanto, segundo disse, perdeu algo que não poderia ser facilmente resgatado: as filhas não sentiam mais “aquele amor” por ela. Ao mesmo tempo em que aconteciam tais processos, Rafaela teve dois filhos com Jorge e, durante um tempo, cuidou dessas quatro crianças. Tudo mudou novamente quando Jorge, após ficar recluso por 4 anos, saiu do presídio. A rotina do casal passou a ser marcada por brigas

e agressões e, nesse cenário, houve uma situação em que Jorge ameaçou bater em uma das meninas. Rafaela, então, decidiu desfazer aquela configuração familiar:

Foi quando eu voltei e fui direto pra Delegacia da Mulher. Fui direto pra lá e fui pedir uma medida protetiva (...) Eu cheguei em casa, peguei a mochila das meninas, e ele achava que eu não ia embora. Porque o que me segurava dentro de casa eram os nossos filhos - o Thiago e o Rodrigo. Mas até o Thiago me olhou e falou assim: "mãe, até quando você vai apanhar do meu pai? Ele vai te matar!". Aí foi quando eu tive a certeza. Falei pro Jorge: "do mesmo jeito que eu fui mãe até agora, você vai ser pai". Porque ele não foi um bom marido pra mim, mas ele é um ótimo pai pros meus filhos.

Essa travessia, com a quebra no formato de seus vínculos, culminou no seu retorno ao apoio da mãe de criação. Entretanto, Jorge passou a perseguir, ameaçar e chegou a agredir Rafaela enquanto ela fazia o trajeto ao hospital em que trabalhava. Isso serviu de estopim para que pedisse demissão do emprego e se mudasse novamente para a zona leste da cidade. Naquele momento, a mudança de território aconteceu sob os incentivos e na companhia de um novo namorado, Ricardo:

Mudei com esse meu último namorado, que já era daqui [Guaianases]. Mudei com as minhas duas filhas e com mais uma na barriga.

É interessante notar que Rafaela, em geral, narrou passagens de rompimentos sem explicitar os custos afetivos que teve para lidar com as situações e mudanças de contextos. Um dos únicos momentos em que se emocionou durante a entrevista foi ao recontar quando, morando em Guaianases, sofreu perdas devido a uma enchente:

Até que nesse dia deu uma enchente que foi questão de segundos, assim..., e destruiu minha casa, sabe? Acabou com as minhas coisas tudo [voz embargada]. Eu vi tudo

meu se perder dentro de segundos, assim, num estalar de dedos.

Ela teve ajuda de Ricardo, pai de sua última filha, para encontrar uma casa mais segura, "longe de enchentes". A relação amorosa entre os dois, porém, durou pouco tempo: além de Ricardo ser "mulherengo", descobriu que Rafaela estava trabalhando como prostituta em Guaianases, o que não era um acordo entre os dois. A filha que tiveram juntos foi cuidada, desde bebê, pela mãe de Ricardo (as razões dessa decisão não estão claras na entrevista). A partir desses movimentos, ela resumiu assim seu momento atual:

Hoje eu tô com trinta e seis anos e tenho seis filhos - quatro mulheres e dois homens. A minha filha mais velha mora sozinha com uma companheira que ela arrumou (...) a Raissa e a Stephanie resolveram ir pra minha mãe, sabe? Pra minha mãe de criação. Com a minha mãe biológica eu não tenho contato e eu não procuro. Os dois meninos moram com o pai. Não vejo eles desde 2015. Foi quando eu fugi da zona sul pra cá. O Thiago tá com doze anos, se eu não me engano... O Rodrigo é de 2010, o Thiago é de 2007. Não tenho contato... A minha filha mais nova tá com a avó paterna, aqui próximo a mim. Ela tá com 4 anos.

Nota-se que, entre vínculos perdidos e/ou esgarçados, Rafaela foi filha algumas vezes e mãe outras tantas. Nos tempos atuais, verbalizou que gostaria de poder reparar parte dos percursos que trilhou, a partir do projeto de recuperar a maternidade, no sentido da convivência, cuidados e responsabilidades, junto a Raissa e Stephanie:

Eu falo do amor porque hoje em dia eu só quero mesmo recuperar o amor das minhas filhas. É só isso que eu quero!

(...) eu quero ir pra perto da zona oeste... Minha mãe [de criação] tem duas casas... Na zona sul eu não quero, mas eu pretendo ir pra zona oeste e ela tem um terreno lá. Eu pretendo construir uma casa lá e eu sei que eu estando lá minhas filhas vão tá comigo, entendeu?

É possível supor que a divisão que faz entre Raissa e Stephanie, enquanto filhas pelas quais pretende lutar, e o restante de sua prole, talvez se associe a uma meta realista, ou seja, mais facilmente alcançável, considerando-se as condições em que se encontram os outros filhos. E é curioso perceber que, para isso, enxerga como caminho voltar a trabalhar na cozinha de hospital, o mesmo tipo de posto ocupado tradicionalmente por sua mãe biológica.

Na trajetória de Rafaela, não passa despercebida a existência de movimentos cíclicos, isso é, uma sequência de elementos que, de certa forma, parecem se repetir: em geral, um novo local de trabalho produz o envolvimento amoroso com um novo companheiro e, em seguida, há uma consequência - muitas vezes uma gravidez e a desestruturação da vida cotidiana. Em suas falas, não apareceram as amizades que fez ou outras experiências vitais, positivas, que se deram a partir desses deslocamentos sucessivos. Nesse sentido, sua narrativa se assemelhou a uma tragédia dividida em atos, tendo como tema transversal dilemas que envolvem os papéis de filha e mãe.

Os planos de deixar a prostituição

Rafaela contou que de início, ao vivenciar o trabalho em uma boate pela primeira vez, aos 16 anos, ficou "chocada". Porém, dias depois, decidiu insistir nessa opção. Conforme disse, foi decisivo perceber que poderia ganhar uma grande quantidade de dinheiro. Já na atualidade, ao falar sobre a vida na prostituição, enfatizou que as vantagens desse trabalho perdem força quando comparadas com as desvantagens de algo, em sua perspectiva, inevitável: o envolvimento com as drogas. Ela disse considerar que esse foi um dos motivos pelos quais "tudo começou a dar errado" em sua trajetória:

Quando você vai, você acaba ganhando dinheiro. Às vezes o que você ganha numa noite você não ganha num mês em outro trabalho, né? Então isso daí já te levanta. Só que ao mesmo tempo você acaba se envolvendo com a droga e a droga acaba te afundando.

E se um dia [você] parar pra pensar e falar assim: "eu vou trabalhar num lugar de prostituição..." – não! Não venha trabalhar num lugar desse, porque isso daqui é um mundo de ilusão (...) Dá pra pagar as contas? Dá. Só que tudo tem o seu contra, né? Tudo tem o por trás. E o contra é o quê? Você vai acabar se envolvendo com bebida, vai acabar se envolvendo com droga, porque não tem como, não. Não tem como, não, até porque essa é a válvula de escape. Aí é quando tudo desanda de uma vez...

Como parte da argumentação, disse que a sua experiência com o uso de drogas está vinculada às dificuldades de encarar o trabalho sexual estando sóbria ou somente com o uso de álcool:

(...) eu não me vejo indo pro quarto com esses caras de cara limpa. Eu não aguento só com bebida. Se eu não tiver na droga, eu não vou aguentar... Não vou ter paciência, né?

A "paciência" a qual se refere parece se associar a diferentes comportamentos tipicamente observados por ela entre os clientes, como a má higiene, os pedidos por sexo desprotegido e as posturas autoritárias e violentas:

(...) é muito cara chegando pra pedir pra fazer sem preservativo e, querendo ou não, eu não sou louca! Posso tá louca da forma que for, mas eu não vou por minha saúde em risco, né? Eu não vou fazer.

Às vezes um cara sujo (...) Então eu acabo perdendo o cliente por isso - porque eu não vou com todo mundo. Mas tipo, até com doença..., você olha pro cara e você vê que tem algo errado. E é uma coisa que eu já não tenho paciência.

Não tenho paciência pra homem, não tenho! Eu sou muito geniosa nesse ponto. Eu não gosto de ser mandada, sabe.

E eu tenho muito medo de morrer dentro de um lugar desse.

Rafaela aparentou sentir-se orgulhosa ao falar desses limites que impõe. Ao abordar as formas de proteger-se usou um tom de satisfação, que contrastou com o tom linear geralmente evidente em sua narrativa. Além disso, chama a atenção o fato de que ela consegue compreender e praticar uma conciliação entre a prostituição e uma maneira de cuidar da saúde – o que não acontece em relação às drogas. Nessa direção, vale lembrar que sua experiência inclui ter sido acusada de vender drogas, o que lhe trouxe riscos e consequências:

A polícia invadiu atrás de mim, mas não conseguiram me achar. Não conseguiram me pegar, deu tempo de me esconder! Então o dono da casa me tirou de São Paulo e me mandou passar três meses no Recife, Pernambuco (...) Ele arcou com todas as despesas e eu fui pra lá (...) E eles [os policiais] chegaram com um mandado de busca e apreensão, então era pra me levar! Mas graças a Deus não conseguiram me pegar.

Ela reportou essa fase como um período de tensão e afirmou que não gostaria de viver novamente esse tipo de situação. Além disso, argumentou que o envolvimento com drogas produz outros problemas, como, em seu caso, o endividamento:

Eu tô aqui hoje na Casa das Damas porque há quatro meses atrás eu tava em uma outra casa aqui na frente e eu me via acabada (...) E lá eles seguram muito as meninas com droga e eu acabei me endividando muito. Ai o gerente daqui falou: "nunca te mandei embora, Rafaela. Só que se você voltar, vai vir pra ficar". Aí eu falei: "tá bom". Acabei vindo pra cá e aqui eu tô já tem quatro meses, sem sair. Só que não vou dizer que não uso droga... O gerente não gosta, ele não suporta! Mas ele sabe que às vezes eu acabo fazendo. Mas se ele vir, eu sei que é rua! E eu tento não desperdiçar (...) essa casa me segura muito. Ela me segura e aqui eu não uso a quantidade que eu usava. O movimento aqui é muito menor, mas mesmo assim eu me seguro aqui - ganhando ou não ganhando dinheiro.

Ela afirmou ter mais dificuldade nos dias de hoje para ganhar dinheiro. Essa realidade se associa tanto às restrições que tem na relação com os clientes (e seus pedidos), como a uma suposta desvalorização dos programas com o passar do tempo, além do avançar da sua idade. Segundo colocou:

Naquele tempo [quando começou] programa era valorizado. Não era tão baixo o valor, né? E era totalmente diferente a noite do que é agora.

Quando eu entrei na noite, o programa era duzentos e oitenta reais a hora. Hoje em dia, eu me vejo dando por trinta reais, quarenta reais...

Considerando-se o conjunto de problemas que vê na prostituição, e na sua vinculação aparentemente indissociável com as drogas, Rafaela sublinhou o desejo de trilhar uma outra rota, isso é: deixar a prostituição. Nessa busca parece existir uma forte identificação com a mãe biológica, desde que trabalhar novamente na cozinha de um hospital é o futuro que ela quer alcançar. Inclusive, é com pesar e em tom de dúvidas que ela falou sobre ter saído desse rumo:

Eu achava assim: "eu saí, pedi demissão? Mas vou voltar. Vou ser chamada rápido" [em hospital]. E enquanto isso ia trabalhando na noite e me drogando... Eu já fui chamada em duas entrevistas! No hospital São Camilo e em outro lugar. Mas chega na terceira etapa eu num passo, entendeu?

O que eu gostaria de ter feito, mas eu acho que não faço mais, é fazer um bom curso, me especializar nesse negócio de hospital. Eu não digo ser uma nutricionista, mas pelo menos uma auxiliar de nutrição, sabe? Isso daí eu acho que eu gostaria de fazer e eu tive oportunidade e não fiz. Também hoje em dia não penso mais. Sei que se eu correr atrás eu posso sim fazer, mas num... Num sei explicar! Eu não posso dizer assim: "Ah, o tempo passou". Não, não passou, porque eu ainda tô viva, né? Eu poderia, mas acho que vai desencantando.

Embora o “desencanto”, a finalização da entrevista com Rafaela é concatenada com a seguinte convicção: o trabalho no hospital significa a saída da prostituição. Nesse sentido, ela apresentou um projeto bem estruturado, considerando objetivos, condições e o tempo necessário para a mudança acontecer:

Hoje eu dia voltar pra dentro de hospital é um objetivo. Esse é um objetivo de vida! Esse é um objetivo de vida que eu tracei não tem muito tempo, mas é o que eu falei: eu tracei isso! Mas por enquanto eu vou continuar na noite. Já que eu tô na noite, ano que vem eu vou permanecer, mas vai ser só aquele ano, entendeu?

Eu tô imaginando o seguinte: eu pretendo ficar o ano que vem. É, esse próximo ano agora todo de 2020, e não gastar o dinheiro que eu gasto. Eu gasto muito com balada, com festinha e isso daí eu já pus na minha cabeça que eu não vou mais fazer. Não vou dizer que eu não vou fazer, mas diminuir, sim! Então eu foquei nisso.

É interessante notar que apesar de ter passado por diferentes casas de prostituição, parece que não permaneceu muito tempo em nenhuma delas. Em seus relatos, ela pouco falou sobre histórias que criou nesses lugares. Isso não significa que não tenha tido prazeres, amizades, mas pelo menos não é esse o tom que quis dar para sua trajetória. Assim, sua narrativa foi coroada pela mensagem “não seja prostituta”, refletindo a experiência de alguém que se não se deu bem e quer sair dessa condição.

5. FORÇAS SOCIAIS, AÇÕES POSSÍVEIS E A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA VIDA COTIDIANA

Na trajetória do estudo, notou-se que Sol e Rafaela não parecem ter uma vivência histórico afetiva de enraizamento em Guaianases, ao contrário de Nicole, que cresceu na região. Apesar disso, entendemos que elas três constroem e compõem a vida do território, pois como trabalhadoras participam da economia do bairro, fazendo parte de uma teia de relações e significados locais (GEERTZ, 1989). Isso pode ser olhado, por exemplo, a partir das trocas ou relações existentes entre as boates e privês e outros espaços mencionados na descrição etnográfica, como uma lanchonete, um salão de cabeleireiro e uma igreja evangélica. Essas casas de prostituição estão localizadas em pontos muito comerciais e de fácil acesso em Guaianases. São casas que funcionam durante o dia, alimentando a dinâmica diurna de um bairro que, nesse sentido, não é tão dormitório assim.

Foi possível observar, também, que há um nível de interação entre as casas prostituição locais, seja porque as mulheres circulam por elas (como Sol e Rafaela me disseram ter feito), seja porque esses espaços parecem se organizar para dar conta de diversificadas clientelas, com maior ou menor poder aquisitivo, tempo para o programa, em associação mais ou menos evidente com entretenimentos de outra natureza. Além disso, essas casas me pareceram dirigidas, principalmente, ao público que trabalha e circula na região (diferentemente, por exemplo, de casas de prostituição no centro da cidade, que atraem um grande contingente de pessoas estrangeiras à vida no bairro).

Em relação aos contatos com nossas interlocutoras, observamos que as três mulheres ficaram satisfeitas com as histórias que contaram. Mais do que isso, elas deixaram parecer que foi uma coisa importante o que fizeram, ao juntar e comunicar de modo ordenado os fragmentos e as passagens de suas trajetórias. Além da leitura conjunta que fizemos

da versão textual de suas histórias de vida, todas ficaram com uma cópia do material e nenhuma delas pediu para mudar muitas coisas, em relação ao que havia sido dito durante as entrevistas.

Nas histórias de Sol, Nicole e Rafaela, podemos observar aquilo que Silva e Blanchette (2017) descrevem como "economia de retalhos". Essa economia se dá a partir das costuras que elas estabelecem entre as posições de ser esposa, mãe, funcionária na economia de serviços e prostituta. Nas palavras de Silva e Blanchette, essas podem se tornar posições aparentemente "complementais e igualmente (in)evitáveis, cada uma tendo suas características problemáticas e suas recompensas" (SILVA e BLANCHETTE, 2017, p. 35).

Na composição de suas economias de retalhos, notamos muitos elementos em interação. Seus relatos e vivências perpassam, entre outras coisas: conflitos parentais, necessidades financeiras, busca por diversão, paixões e relacionamentos amorosos, violências conjugais, cuidados com os filhos, amizades, oportunidades de trabalho, mudanças de casa e de configurações de vida. Sob essa perspectiva entendemos, de acordo com Fonseca (1996), que frequentemente os seus desafios foram/são semelhantes aos vivenciados por suas contemporâneas mais convencionais, não-prostitutas.

Nesse sentido, o estudo realizado por França (2017) reafirma a percepção de que grande parte dos problemas enfrentados por trabalhadoras sexuais são delimitados por marcadores como classe social e gênero. Ao comparar as realidades de mulheres prostitutas, de origem pobre, com as de outras mulheres das classes trabalhadoras, a autora concluiu que "suas questões prioritárias e seus valores são próximos" (FRANÇA, 2017, p. 152). Vale mencionar, contudo, que França pontuou que as prostitutas:

Aprendem mais sobre homens, relações de gênero e sexualidade e isto interfere em suas experiências. Ainda mantêm a referência do "contrato conjugal tradicional" e

de um modelo de masculinidade hegemônico, mas eles passam por deslocamentos e pela coexistência com valores como igualdade e autonomia, reciprocidade de sentimentos, prazer sexual e, às vezes, fidelidade masculina (FRANÇA, 2017, p. 152).

Com essas reflexões, não se trata de supor que classe social, por exemplo, seja um marcador capaz de reunir, de modo totalizador, as trajetórias e projetos de vida das nossas interlocutoras (ou de outras mulheres prostitutas). Entretanto, nos ajudam a compreender que os seus enfrentamentos muitas vezes não têm relação direta, de causa e efeito, com a prostituição. Em outras palavras, consideramos que as trajetórias de vida nas quais a prostituição está presente mantêm seu caráter complexo e dinâmico.

Além disso reconhecemos, ainda que não tenha sido uma proposta do estudo aprofundar esse debate, a potência de análises baseadas na “interseccionalidade” para a compreensão de fenômenos que envolvem a interdependência entre as categorias gênero, classe e raça (HIRATA, 2014). Sol, por exemplo, uma vez me disse que seus antepassados foram escravizados no Brasil, o que indica a importância dessa realidade em sua vida.

As histórias de Sol, Nicole e Rafaela expressam múltiplas combinações de ideais, percursos, expectativas e ações. Assim, de acordo com Olivar (2013), compreendemos que a prostituição não pode ser entendida como experiência universal, asséptica, infértil – uma “simples” troca entre sexo e dinheiro. Segundo o autor, é uma experiência que envolve “milhares de relações” ou, ainda, “uma diversidade indeterminada de práticas... nem todas econômicas, nem todas sexuais” (OLIVAR, 2013, p. 33).

O reconhecimento da pluralidade e complexidade de experiências que as mulheres têm dentro e fora da prostituição facilita o rompimento de estereótipos. E essa ação torna-se essencial na medida em que, conforme Diniz e Mayorga (2018): “as mulheres prostitutas lidam

cotidianamente com discursos sociais que tendem a fixá-las em posições de passividade diante da vida” (DINIZ e MAYORGA, 2018, p. 5). Certamente, essas posições não refletem a força das histórias que encontramos em campo, junto a mulheres prostitutas.

Diniz e Mayorga (2018) reconhecem a existência de dinâmicas estruturais de opressão e desqualificação que perpassam a vida das mulheres prostitutas, porém argumentam que há "porosidades e descontinuidades dessas dinâmicas" (DINIZ e MAYORGA, 2018, p. 3). Em suas palavras, as trajetórias das trabalhadoras sexuais podem ser observadas como resultados de equações "entre sujeição e resistência à sujeição, heteronomia e afirmação de autonomia" (DINIZ e MAYORGA, 2018, p. 10).

De fato, Sol, Nicole e Rafaela ora falaram sobre subordinações das quais não conseguiram (ou não conseguem) escapar e, ao mesmo tempo, sobre as formas que encontraram (e encontram) para enfrentar diferentes processos de sujeição. Assim, neste estudo, opressões e resistências revelaram-se como diferentes facetas de uma mesma narrativa, na complexa trama que envolve a construção coletiva da vida cotidiana.

Em se tratando das semelhanças nos percursos de nossas interlocutoras, as três disseram que a entrada na prostituição foi incentivada e facilitada por amigas. Isso nos faz indagar se esse seria um caminho típico de vinculação com o trabalho sexual no nicho das boates e privês. Além disso, argumentaram que a possibilidade de ganhar uma boa quantidade de dinheiro foi o principal atrativo para se manterem nessa escolha, mesmo havendo, de início, receios e constrangimentos a serem superados. Colocaram, também, em segundo plano, a importância do elemento "diversão" - podendo significar o uso de substâncias, deslocamentos, socialidades e/ou prazeres sexuais - como algo que compõe, nas palavras de Sol, a "sedução" da noite.

Nas perspectivas de Sol e Nicole a prostituição aparece como alternativa a outros tipos de trabalho que compreendem como opressores e/ou incapazes de conferir a possibilidade de autossustentação financeira. Sol contou que já trabalhou como cozinheira em “casa de família”, enquanto Nicole disse que teve experiências como atendente de uma loja de *fast-food* e com a fabricação de sacolas e bijuterias. A partir dessas informações, podemos reconhecer que existem fatores e intenções que as fizeram eleger o trabalho sexual como opção, embora essa decisão tenha seus próprios custos psicossociais. Nesse sentido, Silva e Blanchette (2017), levando em conta as características sociais que delimitam o mercado de trabalho feminino, conheceram mulheres que percebem a prostituição como um trabalho que “demonstra nítidas vantagens frente a outras ocupações disponíveis em seu horizonte de possibilidades” (SILVA E BLANCHETTE, 2017, p. 34).

Vale dizer que as três colaboradoras do estudo têm grande experiência na condição de prostitutas e de mulheres que, mesmo antes da fase adulta, tiveram que manter a vida por sua própria capacidade de autossustentação financeira e afetiva. Ademais, todas elas são mães e, tendo boas ou más experiências, fizeram construções que relacionam o trabalho sexual e a maternidade, seja porque puderam ou porque não conseguiram cuidar dos filhos como gostariam. Suas histórias são carregadas de eventos que mobilizam afetos intensos, paixões, dores...

Como marcas de singularidades, é importante notar que Sol, Nicole e Rafaela estabeleceram/estabelecem diferentes relações com o trabalho sexual, dos pontos de vista objetivo e subjetivo. Isso pôde ser percebido quando descreveram os contextos de vida e as demandas que enfrentavam quando iniciaram na prostituição. Ademais, quando falaram sobre o que fizeram a partir dessa escolha, ou seja, que caminhos construíram, como corporificaram suas experiências e quê significado deram a elas (OLIVAR, 2013).

Em resumo, para Sol o início na “vida” esteve vinculado a uma busca por liberdade, conforme argumentou, em relação ao controle materno. Ela sublinhou que tinha o desejo de explorar realidades extrafamiliares, isso é, conhecer o mundo. A partir dessas vontades, é de maneira positiva que falou sobre os percursos que trilhou junto à decisão de se prostituir. Sua experiência em (re)fazer-se puta ao longo de mais de 20 anos suscita o questionamento de supostas verdades, amplamente difundidas na cultura: ela coloca em pauta a intrigante possibilidade de continuar escolhendo o trabalho sexual, contrariando a imagem da prostituta que tem fortes anseios em abandonar essa opção. Sol disse enxergar seu trabalho como um “recurso” que lhe permite fazer a gestão da vida cotidiana ou, em outras palavras, “negociar a realidade” (VELHO, 1994), de forma relativamente autônoma.

Além de ganhar dinheiro, cuidar dos filhos e fazer projetos que os envolvem, Sol tem as possibilidades de seduzir, conhecer diferentes homens e permanecer solteira. Em seu entendimento, esses são sinais de empoderamento. Contudo, existem domínios e papéis sociais entre os quais não transita com a mesma tranquilidade. Ela falou, por exemplo (em sua narrativa completa), das dificuldades em conciliar a prática religiosa, como adepta do candomblé, ao trabalho que escolheu. Pontuou, também, que ser prostituta produz e intensifica situações de conflito com familiares, que não compreendem a prostituição como um trabalho.

A respeito do futuro, Sol disse que gostaria de ter uma segunda fonte de renda, isso é, um trabalho além da prostituição. Para isso, expressou a ideia montar um bar na garagem de sua casa. Esse projeto nasce aparentemente associado a uma possível nova demanda, que envolve ter mais dinheiro: o ingresso da primogênita na faculdade. Em alguns momentos, pareceu também associando à compreensão de que está envelhecendo.

No caso de Nicole, a prostituição tornou-se uma realidade quando teve que voltar para a casa dos pais, de onde havia sido expulsa na

adolescência, após engravidar. Segundo colocou, depois desse retorno precisava encontrar maneiras de "se virar" - se sustentar, financeira e talvez relacionalmente. Optou pela prostituição, aparentemente, em um "campo de possibilidades" (VELHO, 1994) bastante restrito. Naquele momento de sua trajetória imergiu no trabalho sexual e passou a morar em uma boate, em uma movimentada região da cidade de São Paulo.

Depois de ficar doente, Nicole saiu da boate. Na sequência dos acontecimentos, viveu novas experiências, entre elas o casamento e outros tipos de trabalho. Entretanto, mesmo após ter encontrado suposta estabilidade (matrimonial e econômica), decidiu voltar a se prostituir. Em seu discurso, essa decisão aparece atrelada, principalmente, a uma busca por sociabilidades. O privê foi descrito por ela como um espaço que lhe permite encontrar com amigas, conversar, dar risadas, beber cerveja e eventualmente ter relações sexuais com homens atraentes e mais jovens que seu marido. Além disso, o dinheiro que ganha lhe possibilita presentear e agradar às filhas, sem a necessidade de negociações com o companheiro.

Ao contrário de Sol, que assume a prostituição como algo fundamental e explícito em sua vida, Nicole descreveu o trabalho sexual como algo possivelmente passageiro, opcional e que, sobretudo, deve permanecer em segredo. Experimentando um lugar híbrido, entre o casamento e a prostituição, ela disse que deseja se perceber como alguém que "pode mais", além do que já realizou. Não traça, porém, metas claras, dando a entender a ideia de um futuro a se realizar. Esse fenômeno se alinha ao observado nos estudos de Leccardi (2005), quando afirma que na atualidade fazer projetos significa, também, aproveitar as chances, as oportunidades próximas.

Na história de Rafaela, por sua vez, a entrada na prostituição aconteceu na mesma época em que decidiu se independer da "mãe biológica", indo morar com a "mãe de criação", após o falecimento de seu pai. Naquele momento da vida, escolheu, também, perder o contato com

sua primogênita. Não ficaram claras, em sua narrativa, as razões que a levaram a iniciar na prostituição. Ficou claro, porém, que desde que começou a trabalhar no mercado do sexo passou a fazer uso de drogas. Mais do que isso, Rafaela frisou uma suposta indissociabilidade entre o uso de drogas e o trabalho sexual.

Na trajetória de Rafaela, tudo ganha um caráter numeroso: houve muitos ciclos de entrada e saída na prostituição; trabalhou em muitas boates e privês; viveu muitos relacionamentos amorosos; teve muitas mães; teve muitos filhos; passou muito "perrengue"; sofreu muitas decepções. Em outras palavras, ela carrega em sua história diferentes rompimentos e rearranjos - e uma aparente recusa em fixar-se, ou estacionar, em um contexto de vida.

É possível dizer que, em diferentes momentos, Rafaela transmitiu a ideia de ter sido como que a "operária" da prostituição, no sentido de ter trabalhado bastante e jamais ter alcançado um rendimento, ou outros frutos positivos, que pudessem fazer jus aos seus esforços. Ela demarcou uma insatisfação e, por que não dizer, uma infelicidade, relacionada ao trabalho sexual. No contato com ela, pude notar o que Leccardi (2005) chamou de "presente sem fascínio".

Embora muitas das travessias realizadas por Rafaela tenham sido, aparentemente, guiadas pelo impulso, ao falar sobre o futuro ela afirmou o projeto de abandonar a prostituição. Sua meta é voltar a trabalhar na cozinha de hospitais (assim como sua mãe biológica fazia). Além disso, ela disse que almeja recuperar o amor de parte de sua prole.

A experiência etnográfica e o conjunto de entrevistas que compuseram este estudo nos permitem olhar, entre tantas coisas, para as diferentes escolhas feitas por Sol, Nicole e Rafaela, diante do que lhes foi apresentado no passado, do que é pulsante no presente e daquilo que se coloca como possibilidade de futuro. Nesse sentido, a condução de suas experiências nos fazem notar a força com a qual a vida se desenrola como um laboratório de "projetos de vida". Essa afirmação retoma uma

articulação de ideias presentes desde a idealização do estudo e perpassando toda a sua construção.

É preciso ter em conta, porém, que a discussão sobre projetos de vida é extensa e inacabada. Muitos estudos têm considerado os projetos de vida como um “construto de difícil definição” (ZANON e FREITAS, 2015, p. 287), enquanto outros tantos os têm tratado “como se houvesse uma significação pré-suposta” (VENTURINI E PICCININI, 2014, p. 173), sem se ocupar em aprofundar as ideias às quais se relacionam.

Em nosso percurso de reflexões, com inspiração nos estudos de Leccardi (2005) e Velho (1994), nos distanciamos de perspectivas racionalistas sobre os projetos de vida, no sentido de serem concebidos como planejamentos estruturados, com objetivos rigidamente fixados, etapas controláveis e sempre direcionados ao futuro. Entendemos, de maneira articulada às histórias que escutamos, que os projetos de vida são melhor representados por construções de caminhos vitais que são em parte orientados por intencionalidades, mas que agregam escolhas provisórias, adaptativas, sujeitas a rearranjos, muitas vezes sem vinculação com supostas recompensas reservadas ao futuro (LECCARDI, 2005).

Conforme Leccardi (2005), as experiências subjetivas e sociais na contemporaneidade, situadas em suas constantes e rápidas mudanças, são marcadas por um alto grau de incertezas sobre o tempo vindouro, que deixou de ser planificável ou controlável. O “presente estendido” tornou-se, então, a dimensão temporal de referência para a atribuição de significados às ações, ou seja, passou a ser considerado “área de governo potencial do tempo social e individual” (LECCARDI, 2005, p. 45). Desse modo, Leccardi sublinha a emergência e a relevância dos projetos de curto e curtíssimo prazo, que bordejam o presente (e seu domínio) e sustentam alguma forma de projeção ao futuro.

Nessa discussão, as realizações dos sujeitos no transcorrer do tempo, frequentemente determinadas pelas urgências da vida, deixam

de ser inteligivelmente condicionantes umas das outras. Segundo Leccardi (2005): "a continuidade biográfica torna-se, assim, fruto da capacidade individual de construir e reconstruir, sempre de novo, molduras de sentido, narrativas sempre novas" (LECCARDI, 2005, p. 49). Trata-se, nos termos de Velho (1994), do potencial de metamorfose contido nas trajetórias biográficas, identidades e projetos de vida.

Segundo Velho (1994), o indivíduo das sociedades complexas e moderno-contemporâneas, em razão de um código relevante para suas experiências, transita constantemente entre vários domínios, como o trabalho, o lazer e o sagrado. Essas transições, ou "travessias sociológicas" (VELHO, 1994, p. 21), definem tanto a multiplicidade como a fragmentação de suas relações e papéis sociais. Da mesma forma, permitem a convivialidade entre diferentes projetos (às vezes até conflitivos entre si).

O autor considera que nessas sociedades, embora os indivíduos nasçam e vivam dentro de culturas e tradições particulares, experienciam sistemas de valores e códigos heterogêneos. Assim, as possíveis unidades englobantes ou "encompassadoras" (VELHO, 1994, p. 98), tais como nação, família, partido e religião, não eliminam a escolha individual e a possibilidade de se mobilizar um grande conjunto de ações combinadas. E é nessa "negociação da realidade" (VELHO, 1994, p. 15), nas margens de manobra encontradas pelos indivíduos, que eles podem construir seus projetos pessoais.

A construção de projetos, contudo, não depende somente da consciência individual de quem o faz, mas do seu "campo de possibilidades", do seu "espaço" (VELHO, 1994, p. 40) para a formação e implementação desses. Essa compreensão coloca em foco a questão da dimensão sociocultural, reafirmando o fato de que os projetos individuais estão sempre em interação com outros projetos (que carregam, igualmente, premissas e paradigmas culturais compartilhados). Assim, Velho (1994) argumenta que a esfera biográfica e suas singularidades

são, também, expressão de um quadro sócio-histórico. Nessa linha de pensamento, Mendonça et al. (2018) colocam que: "o projeto de vida é subjetivo, mas não individual, pois ele se constrói nas conexões que o sujeito estabelece por um campo de relações macrossociais e inter-relacionais (família, escola, igreja, amigos, relações afetivo-sexuais, movimentos sociais, entre outros)" (MENDONÇA et al., 2018, p. 232).

O projeto existe, pois, como meio de comunicação, como "maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo" (VELHO, 1994, p. 103). Ainda que sejam flexíveis e permanentemente reelaborados, atendem a uma necessidade sociologicamente observável de conferir certa consistência às trajetórias individuais e sociais, mesmo que essas não estejam ligadas à exigência de uma coerência linear. Nesse processo ganha importância o papel da memória, que ajuda a conectar os pedaços de episódios vividos separadamente, organizando, de certa forma, as discontinuidades da vida. Em outras palavras, são visões retrospectivas e prospectivas que cuidam de situar o indivíduo, suas motivações e os significados de suas ações em uma conjuntura de vida (VELHO, 1994).

Notamos que são nas brechas ou "espaços" (VELHO, 1994) possíveis que Sol, Nicole e Rafaela criam projetos, histórias e exercitam relativa autonomia, dando diferentes lugares e significados (inclusive) para a prostituição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que não foi fácil encerrar esse processo, dado o contexto de pandemia. Durante toda a pesquisa me mantive trabalhando em serviços públicos de saúde mental, o que por si só é tarefa desafiadora. E no último ano essa tarefa ganhou novos sentidos e um peso que certamente ainda iremos elaborar melhor, individual e coletivamente, no futuro. Portanto, a conclusão desta dissertação carrega muito significado!

Considero importante mencionar que iniciei o estudo com muitos pressupostos. Para ser mais preciso, tinha pensamentos alinhados a uma perspectiva abolicionista sobre a prostituição, ainda que não tivesse completa ciência disso. Minhas hipóteses iniciais, porém, foram em grande medida frustradas durante a pesquisa e no lugar delas ocuparam espaço novas reflexões e perguntas, tanto sobre a prostituição como sobre os projetos de vida.

Entre tantas coisas, pude reconhecer alguns dos meus preconceitos em relação à sexualidade, ao sexo pago e à prostituição. Sol teve um importante papel nisso. Ela foi a mulher de quem mais me aproximei e, curiosamente, foi a pessoa que mais enfatizou a legitimidade do trabalho sexual. Para ser fiel ao que eu observava e registrava no contato com ela, foi necessário reorientar meus referenciais de análise. Hoje entendo, como pontuou Fonseca (1999), que quando entramos em campo nossas certezas diminuem...

Nesse processo de aprendizados, enfrentei variados desconfortos na construção de uma relação com boates e privês de/em Guaianases e com mulheres que trabalham nesses locais. Verifiquei, na realidade, que o campo revela alteridades radicais (FONSECA, 1996). E para lidar com essas alteridades, precisei me (re)fazer durante o trabalho de/em campo, a partir de alianças com o tempo, o diálogo, a flexibilidade e a persistência. Somente assim foi possível criar os caminhos de interação

que, em certo ponto, permitiram a realização do estudo. Penso que, em contrapartida às dificuldades encontradas, estar em campo me trouxe novos afetos e perspectivas.

É verdade que a literatura já me indicava que o trabalho de/em campo poderia me mobilizar, afetar (OLIVAR, 2013) e, no limite, converter (PEIRANO, 1995 apud MAGNANI, 2002). Mas, é claro, esse potencial transformador ganhou materialidade somente na trajetória do estudo, quando passou a integrar minha experiência concreta.

Gostaria de retomar que em minha trajetória profissional, construída na interação com pessoas e grupos que enfrentam muitas formas de desvantagens e desvalorizações sociais, tenho buscado questionar leituras e narrativas que reafirmam estereótipos e processos de estigmatização. Nesse sentido, entendo que uma das belezas do estudo se deu ao revelar a história de mulheres, prostitutas, que, além de abordarem seus sofrimentos e limitações, deixaram transparecer importantes escolhas e alguns modos pelos quais realizam a gestão da vida cotidiana.

Sol, Nicole e Rafaela não se apresentaram como mulheres que sobretudo “não podem”, “não têm” ou “não conseguem”, mas como pessoas que exercem a agência alcançável em seus campos de possibilidades (VELHO, 1994). Mais do que biografias perpassadas por opressões e restrições, conheci histórias de mulheres que negociam a realidade (ibidem) como podem, se movimentando, se (re)posicionando e se (re)construindo no mundo e com o mundo.

Ficou evidente que nem sempre os seus desafios tiveram ou têm relação direta com a prostituição. Essa percepção encontra ressonância nas ideias contidas nos estudos de Sousa (2012), quando afirma que devemos nos opor à tendência de retratar a vida da mulher prostituta e seu trabalho somente pelo viés da subordinação aos interesses sexuais masculinos. Nas palavras da autora, dessa forma: “a prostituta deixa de ser percebida como vítima e passa a ser compreendida como sujeito

capaz não apenas de concordar e negociar, mas também de identificar, de se opor e transformar relações de poder” (SOUSA, 2012, p. 54).

Em meio às experiências marcantes da pesquisa, também ganha relevância a possibilidade que tive de ampliar as percepções sobre as dinâmicas sociais do/no território de Guaianases. Esse bairro, que foi meu cenário cotidiano de trabalho durante alguns anos, foi então visto sob novos ângulos, ganhou outras explicações. Digo isso porque foi muito interessante notar o circuito de deslocamentos, trocas, relacionamentos e afetos que gravitam em torno da prostituição local.

Por fim, a pesquisa me permitiu iniciar uma busca por uma abordagem dos “projetos de vida” que dialogue melhor com o caminhar de histórias reais. Nela, fui convocado a adotar visões menos racionalistas sobre esses projetos, frequentemente tomados como formulações lineares, controláveis e vinculadas ao futuro distante. Compreendo, então, que os projetos de vida talvez se traduzam melhor como processos complexos, por vezes descontínuos, sujeitos a reelaborações, de construção da e na vida cotidiana. Processos que se fazem no cruzamento de muitas dinâmicas, contextos relacionais e aspirações. Se fazem sempre individual e coletivamente.

Espero que esse debate possa ser aprofundado em estudos futuros e que isso reverbere em campos profissionais que se propõe a pensar os projetos de vida.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids. **Análise do contexto da prostituição em relação a direitos humanos, trabalho, cultura e saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, 2013.

AZEVEDO, Amailton Magno; SILVA, Sheila Alice Gomes da. Discursos e Narrativas Sobre o Passado: o bairro paulistano de Guaianases em representações no tempo presente. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 18, p. 85-97, 2015.

BACELAR, Jéferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Contribuição dos centros de testagem e aconselhamento para universalizar o diagnóstico e garantir a equidade no acesso aos serviços**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

CASTILHO, Edimilson Peres. **A praça dos trabalhadores de Guaianazes**: periferia de São Paulo. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2007, 137 p.

DANTAS, Luciana Almeida. **Prostitutas de Santo Amaro - SP**: uma análise sobre a realidade dessas mulheres. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis: 2017.

DAVIDA. **Direitos Humanos e Prostituição Feminina** (Online). Rio de Janeiro: 2009. Disponível em: <http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/05/livreto-prostitutas.pdf>

DINIZ, André Geraldo Ribeiro; MAYORGA, Claudia. Notas sobre autonomia e desqualificação social de mulheres prostitutas. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 30, e165432, 2018.

FONSECA, Claudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Feministas**, v. 4, n. 1, p. 7-33, 1996.

_____. "A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais". In: Piscitelli, Adriana; Gregori, Maria Filomena; Carrara, Sergio (Org). **Sexualidades e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 257-281.

FRANCA, Marina. A vida pessoal de trabalhadoras do sexo: dilemas de mulheres de classes populares. **Sex., Salud Soc.** Rio de Janeiro, n. 25, p. 134-155, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FONTOURA, Helena Amaral da. A prostituição infantil sob a ótica da sociedade e da saúde. **Revista de Saúde Pública**, 33, pp. 171-179, 1999.

GARCIA, Loreley; NASCIMENTO, Silvana de Souza. **Primas:** retratos da prostituição feminina na Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa:** prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. **Imigrantes invisíveis:** a história oral como paradigma da luta contra o colonialismo cultural. 2008. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/files/imigrantes%20invisiveis.pdf>.

KOPPER, Moisés; RICHMOND, Matthew. Apresentação: situando o sujeito das periferias urbanas. **Novos estud. CEBRAP**, v. 39, n. 1, p. 9-17, 2020.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, pp. 35-57, 2005.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta:** história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetivo, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horiz. antropol**, v. 15, n. 32, pp. 129-156, 2009.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 247-285, 1998.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDONÇA, Érika de Sousa; MOURA, Renata Paula dos Santos; GAIA, Stellamary Brandão Rodrigues; MENEZES, Jaileila de Araújo. Juventude e projeto de vida: trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 230-248, 2018.

MOIRA, AMARA. Prefácio. In: PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba. **Revista Ártemis**, v. 18, n. 1, p. 69-86, 2014.

NASCIMENTO, Silvana de Souza; GARCIA, Loreley Gomes. NAS ARMADILHAS DO DESEJO: privações e movimentos de jovens prostitutas em zonas rurais. **Cad. CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, pp. 383-396, 2015.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010.

_____. **Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 358 p.

_____. Apresentação do dossiê pesquisando prostituição e mercados do sexo: contribuições, debates e novos desdobramentos. **Revista Ártemis**, Vol. XVIII nº 1, pp. 3-11, 2014.

PASINI Elisiane. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, v. 14, p. 181-200, 2000.

_____. **Os homens da Vila: um estudo de relações de gênero num universo de prostituição feminina**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2005.

PAZZINI, Domila do Prado. **Mercado dos prazeres: notas de uma etnografia multi-situada em espaços de prostituição no interior de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2016. 110 p.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIRES, Isabel Cristina Pinheiro; MIRANDA, Angélica Espinosa Barbosa. Prevalência e fatores correlatos de infecção pelo HIV e sífilis em prostitutas atendidas em centro de referência DST/AIDS. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 20, n. 3, p. 151-154, 1998.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 25, p. 7-23, 2005.

_____. Entre as "máfias" e a "ajuda": a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 29-63, 2008.

_____. Feminismos e Prostituição no Brasil: Uma Leitura a Partir da Antropologia Feminista. **Cadernos de Antropologia Social**, n. 36, p. 11-31, 2012.

_____. Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 159-199, 2014.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto história**, v 14, p. 25-39, 1997.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018. 108 p.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 1990.

RIBEIRO, Miguel Angelo. Prostituição de rua e turismo em Copacabana - a Avenida Atlântica e a procura do prazer. **Revista TERRITÓRIO**, ano 11, n. 3, 1997.

RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. Entre quatro paredes: territorialidades "invisíveis" da prostituição feminina na cidade do Rio de Janeiro. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 11, n. 1, pp. 92-106, 2015.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, pp. 68-76, 2009.

SÃO PAULO. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras - Quadro Analítico: Guaianazes**. São Paulo: 2016.

SILVA, Ana Paula da; GRUPO DAVIDA et al. Prostitutas, "traficadas" e pânicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o "tráfico de seres humanos". **Cad. Pagu**, Campinas, n. 25, pp. 153-184, 2005.

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 50, e175019, 2017.

_____. Amor um real por minuto: A prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: CORREA, Sonia; PARKER, Richard (Org.). **Sexualidade e política na América latina**: histórias, intersecções, paradoxos. Rio de Janeiro: Sexual Policies Watch, 2011, v. 1, pp. 192-233.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases**: cultura e memória. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2016, 146 p.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **A noite também educa**: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2012.

_____. Autodeterminação de prostitutas e feminismos: diferentes percepções sobre o exercício do trabalho sexual. **Brasil para Todos**, v. 3, n. 2, pp. 1-11, 2016.

SOUSA, Francisca Ilnar. **O cliente**: o outro lado da prostituição. São Paulo: Annablume, 1998.

TORRES, Gilson de Vasconcelos; DAVIM, Rejane Marie Barbosa; COSTA, Terêsa Neumann Alcoforado da. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. **Rev. latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, pp. 9-15, 1999.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VENTURINI, Ana Paula Cargnelutti; PICCININI, Cesar Augusto. Percepção de adolescentes não-pais sobre projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. spe, pp. 172-182, 2014.

VIEIRA, Lucas Bezerra; FREITAS JÚNIOR, Reginaldo Antônio de Oliveira. Lei Gabriela Leite: a legalização da prostituição sob uma nova perspectiva no direito penal brasileiro. **Revista Transgressões**, v. 3, n. 1, p. 331-344, 2015.

ZANON, Letícia Lovato Dellazzana; FREITAS, Lia Beatriz de Lucca. Uma Revisão de Literatura sobre a Definição de Projeto de Vida na Adolescência. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 19, n. 2, pP. 281-292, 2015.